

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**  
**CAMPUS FREDERICO WESTPHALEN**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**  
**CURSO DE JORNALISMO BACHARELADO**

**Felipe Gomes Machado**

**(A)ONDE ESTÃO? UMA ANÁLISE CRÍTICO-DISCURSIVA DA  
REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE  
RUA EM TEXTOS DO ESTADÃO E DA FOLHA DE SÃO PAULO  
DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19**

**Frederico Westphalen – RS**

**2023**

**Felipe Gomes Machado**

**(A) ONDE ESTÃO? UMA ANÁLISE CRÍTICO-DISCURSIVA DA  
REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE  
RUA EM TEXTOS DO ESTADÃO E DA FOLHA DE SÃO PAULO  
DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Bacharelado em Jornalismo, da  
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM),  
campus de Frederico Westphalen, como requisito  
parcial para a obtenção do título de Bacharel em  
Jornalismo.

Orientador: Prof. Me. Fábio Silva

**FREDERICO WESTPHALEN**

**2023**

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo realizar uma análise discursiva da representação social da população em situação de rua em textos noticiosos veiculados durante a pandemia do Coronavírus em 2020. Para compor nosso corpus, selecionamos textos noticiosos dos portais online dos Jornais Folha de São Paulo e Estadão, considerados importantes veículos de comunicação no Brasil, no período de março a setembro de 2020. Para embasar nossa análise utilizamos como referencial teórico e também metodológico a Análise Crítica do Discurso, a partir de autores como Fairclough (2001) e Theo van Leeuwen (1996), cujas contribuições teóricas são fundamentais para compreendermos os processos discursivos envolvidos na representação social. Já a metodologia adotada para coletar e categorizar o corpus foi a Análise de Conteúdo desenvolvida por Bardin (2011). Ao analisarmos os títulos e as linhas de apoio dos textos noticiosos coletados, pudemos observar que a representação dessa parcela da população muitas vezes é estigmatizada e estereotipada. Esses discursos repetitivos acabam por reforçar uma visão negativa e preconceituosa da população em situação de rua, contribuindo para manutenção de uma representação de marginalização e exclusão social.

**Palavras-chaves:** Análise crítica do discurso, População em situação de rua, COVID-19, representação social, discurso jornalístico

## ABSTRACT

This work aims to perform a discursive analysis of the social representation of the homeless population in news texts circulated during the Coronavirus pandemic in 2020. To compose our corpus, we selected news texts from the online portals of the newspapers Folha de São Paulo and Estadão, considered important communication vehicles in Brazil, from March to September 2020. To support our analysis, we used Critical Discourse Analysis as a theoretical and methodological reference, based on authors such as Fairclough (2001) and Theo van Leeuwen (1996), whose theoretical contributions are essential to understand the discursive processes involved in social representation. The methodology adopted to collect and categorize the corpus was Content Analysis developed by Bardin (2011). By analyzing the headlines and supporting lines of the collected news texts, we were able to observe that the representation of this population segment is often stigmatized and stereotyped. These repetitive discourses reinforce a negative and prejudiced view of the homeless population, contributing to the maintenance of a representation of marginalization and social exclusion.

**Keywords:** Critical Discourse Analysis, Homeless population, COVID-19, social representation, journalistic discourse

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. REPRESENTAÇÃO SOCIAL.....	11
2.1. IDENTIDADE DISCURSIVA.....	14
2.2. JORNALISMO, IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES.....	17
3. POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA.....	22
4. MÉTODO.....	26
4.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	28
4.2 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO.....	30
4.3 CORPUS.....	34
5. SELEÇÃO E COLETA DOS DADOS.....	38
5.1 CATEGORIZAÇÃO E FILTRAGEM DOS DADOS DO ESTADÃO .....	38
5.2 CATEGORIZAÇÃO E FILTRAGEM DOS DADOS DO FOLHA D S` PAULO.....	43
5.3 PANORAMA GERAL DA ANÁLISE.....	45
6. CONSIDERAÇÕES FINAL .....	51

## 1. INTRODUÇÃO

Em 2020, o mundo se viu paralisado por conta da pandemia do novo coronavírus. A rapidez com que o vírus se espalhou, fez com que os poderes públicos tivessem a necessidade de decretar estado de emergência sanitária, isolamento social, fechamento de fronteiras, suspensão temporária da abertura do comércio, entre outras medidas necessárias para conter a disseminação do vírus e não sobrecarregar os sistemas de saúde, tanto público quanto privado. Quando crises como essa atingem a população, as diversas camadas das sociedades são atingidas de diferentes formas e isso exige respostas rápidas das autoridades, em especial para as classes marginalizadas, que estão em situação de vulnerabilidade, afinal, em geral, essa parte da população é a primeira a sentir os impactos e efeitos. Portanto, está pesquisa se torna importante para o âmbito da comunicação, para analisarmos de forma crítica como essa parcela da população está sendo representada discursivamente. Em especial como foram representados pelos principais disseminadores de textos noticiosos da cidade de São Paulo, durante o período mais agudo da pandemia. Para assim, compreendermos se há uma repetição discursiva, que possa acentuar estereótipos que atingem essa parcela da população.

Em tempos que a população como um todo passa por algum tipo de crise, a comunicação social exerce um papel fundamental para a sociedade, em específico o jornalismo. Durante a pandemia os textos noticiosos ocuparam um importante papel com a disseminação de notícias que alertavam a sociedade sobre a evolução do isolamento, as medidas que os poderes públicos tomavam em relação aos cuidados com a população, medidas protetivas, métodos para se prevenir contra o vírus, etc. O acesso à informação clara e de fácil acesso, é um direito fundamental e constitucional, de acordo com o art. 5º inciso XXXIII, bem como no inciso II do § 3 do art. 37 e no § 2 do art. 216 da Constituição Federal de 1988, afinal, a informação é uma das principais ferramentas para que o cidadão possa exercer seus direitos em uma sociedade democrática. Mas como será que as diferentes classes sociais são representadas pelos principais veículos de comunicação? A forma como a população em situação de rua é representada nos textos noticiosos se iguala com o resto da população? O autor José Freire nos diz um pouco sobre esta questão que iremos debater ao longo desta pesquisa, no artigo “Mídia, estereótipos e representação de minorias”:

A disseminação, pelos meios de comunicação de massa, de representações inadequadas de estrangeiros, classes sociais e outras comunidades é destacada como uma sensível problema para o processo democrático, cujo desenvolvimento demanda a opinião esclarecida de cada cidadão a respeito de questões capitais da vida política e social. (FREIRE, 2004, p. 47)

Nesse contexto, quando crises como a pandemia de 2020 atingem o coletivo, as diferentes parcelas da população também são atingidas de formas diferentes, em específico nesta a população em situação de rua, que pelas condições em que tipicamente são submetidos e/ou expostos, foram atingidos de maneiras diferentes, durante a pandemia. Esta parcela da população apresentou maior potencial de exposição ao vírus, estiveram mais suscetíveis ao risco de infecção do que aqueles que cumpriram o isolamento em suas perspectivas casas. Além de possuírem maior risco de serem sintomáticos, por conta das condições física e mental desses indivíduos, o que poderia aumentar ainda mais a probabilidade de óbito. Mesmo com todos esses fatores, eles não foram nem sequer categorizados como grupo de risco, que foi definido pelo ministério da saúde no começo do isolamento social em 2020 (FIOCRUZ, 2020). A maioria da população vivenciou o surgimento da pandemia em uma crescente, desde a primeira ocorrência de infecção no Brasil, no dia 26 de fevereiro de 2020, até os desdobramentos que resultaram no isolamento social que foi intensificado de março até setembro, a partir de quando começou a primeira flexibilização das medidas restritivas decorrentes da pandemia. Aqueles que vivenciaram a pandemia de dentro de suas casas, não tiveram apenas uma proteção da materialidade, da edificação, mas uma proteção de suas identidades, tiveram um espaço que lhes permitiu elaboração de um momento novo, único e delicado que sociedade estava enfrentando. Partindo disso, pode considerar-se como a mesma situação estava agravada àqueles que não tinham ou não contavam com um lar. No capítulo intitulado, “A perda da concha e a perda de si: da casa ao corpo os referentes externos da identidade”, Valêncio (2010) nos contextualiza que, quando o sujeito é obrigado a deixar seu lar é retirado dele uma parte de si, uma parte de sua identidade, por isso é relacionado a uma concha.

A casa antropomorfizada é esse parente compreensivo que protege maternalmente, assiste confidentemente aos bons e maus momentos de seus membros; é o porto seguro, de onde partir e para onde voltar quando o ser-no-mundo se exercita, entre êxitos e frustrações. Transfigura-se no fiel depositário da memória do grupo convivente quando este tende a fragmentar-se. (VALÊNCIO, 2010, p. 55)

Logo, quando o lar é arrancado do sujeito, ele passa por uma espécie de desidentificação do Eu. Passa a não ser tratado e pensado como um sujeito, com suas subjetividades e atravessamentos, mas apenas como indivíduos e estatísticas. Por esses indivíduos serem, tipicamente, invisibilizados socialmente de forma que se tornou normalizada pela sociedade, as grandes empresas de comunicação passam a não representar de forma igualitária esses indivíduos em seus produtos de comunicação, em específico no jornalismo, o que pode influenciar diretamente na forma como os mesmos são representados nos textos noticiosos, que por sua vez tem a tendência em reforçar estereótipos e paradigmas, que muitas vezes acentuam a posição social que esses indivíduos ocupam.

É importante contextualizar que, quando falamos de classes marginalizadas, em específico a população em situação de rua (PSR), não nos referimos apenas às pessoas que definitivamente moram nas ruas, mas às pessoas que, de alguma forma, convivem constantemente na rua e em situação de vulnerabilidade social. São pessoas da comunidade LGBTQIA+, que possuem atritos familiares e veem na rua uma válvula de escape para as angústias que vivem em suas casas, pessoas que trabalham com a prostituição, catadores de lixo, também são classificados como pessoas em situação de rua. No trabalho intitulado “População em situação de rua em tempos de pandemia da Covid-19”, os pesquisadores tratam como PSR aqueles que migram, transitam, permanecem nas ruas, e fazem da rua um lugar de luta social, mesmo que invisibilizados (RODRIGUEZ, 2021). Voltando ao texto de Valêncio, a autora pontua que, aqueles que vivem nas ruas estão em constante modo de alerta pela falta de segurança e atenção do estado, vivem nas ruas recebendo ameaças de hostilidades o que conseqüentemente deixa o sujeito em constante sofrimento causando conseqüências físicas e emocionais. A omissão por parte do estado quando se trata desta parcela da população, como no caso da pandemia, não dificulta apenas o acesso aos direitos básicos assegurados pela Constituição, mas muitas vezes resultam no óbito desses sujeitos. “aquele que é levado a morte por ação ou omissão dos agentes do Estado é quem dispõe da dimensão maior da barbaridade” (VALÊNCIO,2010).

Para o decorrer do trabalho, é importante considerar a importância do papel que o jornalismo exerce na sociedade, em relação à representação social e do resultado das representações nos textos noticiosos.



A “praça pública” de que tratamos aqui é a do espaço público midiático, através do qual a televisão, os rádios e os jornais contribuem diariamente para a construção do real. Para a maioria das pessoas, especialmente num país como o nosso no qual a primeira e, muitas vezes, a única informação disponível é aquela transmitida pela televisão, o campo midiático ocupa um espaço central na divulgação dos grandes temas nacionais: economia, política e cultura. (VIZEU,2006, p. 31)

Tendo isso esclarecido, torna-se importante para a sociedade em tempos que o coletivo passa por crises, pensar naqueles que, por sua vez, já são invisibilizados socialmente e têm agravadas as consequências desta invisibilidade. Um percurso investigativo interessante pode residir, justamente, no âmbito do jornalismo. Então, ao longo desta pesquisa, estudaremos como se constituiu a representação social da população em situação de rua em textos noticiosos. Tendo como recorte social no contexto da pandemia de 2020, analisaremos como as PSR foram retratadas nos pelos textos noticiosos dos jornais Folha de São Paulo e o Estadão, que se constituem como os maiores jornais da cidade de São Paulo. Ambos desempenharam um papel importante na história do jornalismo brasileiro, ambos fundados no fim do século XIX e começo do século XX, os jornais passam a marca dos 100 mil exemplares impressos distribuídos diariamente, fora os acessos nas diversas plataformas digitais em que os estão inseridos.

Essa pesquisa visa contribuir para uma compreensão mais aprofundada das estratégias discursivas e ideológicas presentes na cobertura jornalística dos moradores de rua durante a pandemia de 2020, e como esses discursos podem perpetuar estigmas, preconceitos e desigualdades sociais. Ao utilizar a análise crítica do discurso como metodologia, espera-se revelar as dinâmicas discursivas que sustentam essas representações e fornecer subsídios para reflexões e ações que promovam uma abordagem mais justa, empática e inclusiva em relação à população em situação de rua.

Para darmos conta de chegarmos às considerações finais atingindo os objetivos do trabalho, construiremos ao longo desta pesquisa um caminho teórico para darmos ao leitor todo aparato necessário para o decorrer da pesquisa. Teremos o capítulo sobre representação, onde utilizaremos de nossas fontes para contextualizar aos leitores, como se constitui o que conhecemos hoje por representação, e como essas representações influenciam diretamente nas nossas relações de identificação e o que entendemos como posição social a partir disso. Para assim, entendermos como o jornalismo influencia, e para reconhecermos se há uma

repetição que acentua os estereótipos construídos por outras classes em relação a essa parcela da população, implicando assim no entendimento desses indivíduos sobre o que estava acontecendo na sociedade durante aquele período. nesta identificação, que ocorre a partir das representações nos textos noticiosos. Falar de população em situação de rua, requer um embasamento teórico acerca das vivências dessa parcela da população, para isso, construiremos um capítulo dedicado a população em situação de rua, para assim termos embasamento o suficiente para utilizarmos do referencial teórico escolhido para analisarmos o corpus da pesquisa. Para realizarmos a análise dos textos noticiosos, utilizaremos da teoria da Análise Crítica do Discurso, que analisa de forma crítica como se constituem as estruturas sociais e as relações de poder, esta teoria investiga também de que forma as interações que temos no nosso cotidiano afetam a construção discursiva, para assim chegarmos aos nossos resultados finais (WODAK, 2004).

Através do uso da análise de conteúdo, realizamos a coleta de textos noticiosos, e mediante a análise crítica do discurso, contextualizada por Fairclough (2001), realizamos uma avaliação aprofundada dos textos. Utilizando o quadro de representação proposto por van Leeuwen (1996), buscamos identificar a maneira como a população em situação de rua estava sendo representada. Concluímos que, embora numericamente pequena, essa parcela da população é mencionada nos jornais. No entanto, observamos que a forma como estão retratados pode acentuar estigmas e perpetuar desigualdades.

## 2.REPRESENTAÇÃO SOCIAL

A representação social, segundo Norman Fairclough (2001), refere-se à construção de significados e discursos, que influenciam a maneira como percebemos e interpretamos o mundo ao nosso redor. Essas representações são veiculadas através da linguagem e de outros sistemas simbólicos presentes na sociedade. Quando exercitamos nossas interações sociais, por mais simples que sejam, manifestamos nossas crenças, individualidades, valores, entre outros elementos da nossa subjetividade. Fairclough argumenta que esta representação desempenha um papel fundamental na reprodução e transformação das relações de poder dentro de uma sociedade. Através da linguagem, nossas características são transmitidas, moldando nossa compreensão da realidade e influenciando nossas atitudes e comportamentos. Essas representações não são neutras, mas são construídas dentro de estruturas de poder existentes, refletindo e reforçando relações de dominação e desigualdade. (FAIRCLOUGH, 2001, apud RAMALHO, 2005)

Quando esses elementos são reunidos, tornam-se momentos de práticas particulares, cada qual com seu poder gerativo e mecanismos individuais, que se relacionam dialeticamente sem se reduzirem um ao outro. Isso implica, por um lado, que todos os momentos (não-discursivos e discursivos) de práticas sociais particulares entram continuamente em relações mutáveis uns com os outros, e, por outro, implica que todos os momentos de uma rede de diversas práticas sociais encontram-se em articulação. (RAMALHO, 2005, p. 3)

A representação social debatida por Fairclough (2001), busca desvelar as ideologias e as formas sutis de controle presentes nas representações discursivas. Ao examinarmos as representações presentes nos textos midiáticos, políticos e culturais, podemos revelar como certos grupos sociais são privilegiados enquanto outros são marginalizados ou invisibilizados. Essa análise permite compreender como as representações sociais são utilizadas para sustentar e legitimar estruturas de poder existentes. No entanto, o autor também enfatiza que a representação social não é uma questão unicamente discursiva. Ela está enraizada nas práticas sociais e nas relações materiais de poder. Portanto, uma análise completa da representação social deve levar em consideração os aspectos discursivos e sociais, revelando as conexões entre linguagem, poder e estrutura social. Ao desnaturalizar as representações dominantes, podemos abrir espaço para diferentes vozes e

perspectivas, possibilitando uma transformação social mais inclusiva. A compreensão das dinâmicas da representação social também nos capacita a resistir e contestar as ideologias opressivas presentes em nossas sociedades, promovendo uma maior conscientização e mudança social. (PAIVA, 2011)

Já para Serge Moscovici (1990), as pessoas constroem e compartilham significados sobre o mundo social ao seu redor. Moscovici define as representações sociais como formas de conhecimento socialmente elaboradas e compartilhadas, tendo uma orientação prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social, no coletivo e não de forma individual. (AUGUSTUS, 2000)

A representação é sempre a atribuição da posição que as pessoas ocupam na sociedade, toda representação social é representação de alguma coisa ou alguém. Ela não é cópia do real, nem cópia do ideal, nem a parte subjetiva do objeto, nem a parte objetiva do sujeito, ela é o processo pelo qual se estabelece a relação entre o mundo e as coisas. (AUGUSTUS, 2000, p.129)

Segundo Moscovici, as representações sociais são construídas através de processos de ancoragem e objetivação. A ancoragem refere-se à associação de novas informações a conceitos já existentes no conhecimento coletivo. Esses conceitos são a base para a compreensão e interpretação dos fenômenos sociais. A objetivação, por sua vez, envolve a transformação dos conceitos abstratos em imagens concretas e símbolos facilmente comunicáveis. Moscovici enfatiza que as representações sociais são produtos das interações sociais e da comunicação entre os membros de um grupo. Elas surgem através de processos de negociação, troca de informações e construção coletiva de significados. Essas representações são compartilhadas pelos membros do grupo e ajudam a criar uma realidade social compartilhada, como citada anteriormente. (IRINEU, 2011)

Acreditamos que os sujeitos atuam como reprodutores de representações, na medida em que integram grupos movidos por sentimentos de pertença às congregações a que se filiam, haja vista que um conjunto de pessoas constitui um grupo social se, e somente se, como coletividade, compartilharem representações, pois, para os sujeitos isso significa sua identidade estar associada a uma identidade maior, a identidade do grupo, bem como às crenças, ideias, opiniões e atitudes de seus membros com relação aos objetos do mundo tomados como objetos de representação. (IRINEU, 2019, p. 2)

Uma das contribuições centrais de Moscovici é a ideia de que as representações sociais são influenciadas pela dinâmica do poder e pelos processos de legitimação social. Ele argumenta que, as representações dominantes em uma sociedade refletem os interesses e as perspectivas dos grupos que possuem poder e status. Essas representações dominantes tendem a ser difundidas e mantidas pela comunicação e pela mídia. No entanto, Moscovici também destacou a existência de representações sociais alternativas, que desafiam as dominantes. Essas representações alternativas podem emergir de grupos marginalizados ou contestadores e podem ter o potencial de questionar e transformar as estruturas de poder existentes. (IRINEU,2019)

As representações sociais nascem no curso das variadas transformações que geram novos conteúdos. Durante essas metamorfoses, as coisas não apenas se modificam, são também vistas de um ponto mais claro. As pessoas tornam-se receptivas a manifestações que anteriormente lhes haviam escapado. Todas as coisas que nos tocam no mundo à nossa volta são tanto o efeito de nossas representações como as causas dessas representações. (AUGUSTUS, 2000, p. 5)

Moscovici acreditava que as representações sociais desempenham um papel fundamental na construção da identidade social e na coesão grupal. Elas fornecem às pessoas um conjunto de significados compartilhados que orientam suas interações e ações no mundo social. As representações sociais não apenas refletem a realidade social, mas também a constroem e a moldam. A teoria de Moscovici destaca a importância das construções sociais de significado na compreensão e interpretação da realidade social. Suas contribuições nos permitem entender, como os grupos sociais constroem conhecimentos compartilhados e como essas representações influenciam a percepção, as atitudes e os comportamentos dos indivíduos.

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social (MOSCOVICI, 1976, p. 21 apud IRINEU, 2019, p 11).

Logo, a nossa identidade pessoal e social é moldada pelas representações sociais presentes e disponíveis em um determinado contexto, influenciando nossas crenças,

valores e comportamentos, e proporcionando um senso de pertencimento e coesão dentro do grupo (IRINEU, 2019). As teorias abordadas ao longo deste capítulo, refletem sobre como as representações sociais contribuem para a formação e sustentação de nossa identidade individual e coletiva. Para conseguirmos relacionar, a forma como a representação social e o que entendemos como identidade coexistem entre si e como manifestamos isso no nosso cotidiano, o próximo capítulo

## 2.1 IDENTIDADE DISCURSIVA

A identidade social, de acordo com Norman Fairclough (2001), é um conceito fundamental no estudo das relações entre linguagem, poder e sociedade. O autor propõe uma abordagem sociolinguística que busca compreender como a linguagem e o discurso estão intrinsecamente ligados à construção e negociação das identidades sociais. A identidade social é um fenômeno complexo e multifacetado, que não pode ser compreendido isoladamente, mas sim em relação às estruturas sociais, políticas e culturais nas quais os indivíduos estão inseridos. Ele argumenta que a linguagem desempenha um papel central na formação e expressão da identidade, pois é através dela que os indivíduos constroem e comunicam quem são e como se veem em relação aos outros (FAIRCLOUGH, 2001). A representação social e a identidade social estão profundamente relacionadas. A representação social refere-se às imagens, ideias e concepções compartilhadas por um grupo ou pela sociedade como um todo, sobre determinados objetos, eventos ou grupos sociais. Essas representações sociais são construídas e disseminadas através de processos comunicativos, como a linguagem, os discursos e a mídia.

O termo identidade tem sido diferenciado de forma geral, nos seguintes termos: (a) identidade como “um sistema de representações que permite a construção do ‘eu’”, fazendo com que o indivíduo se assemelhe consigo mesmo e se diferencie dos demais; (b) identidade cultural, como “a partilha de uma mesma essência entre diferentes indivíduos” e (c) identidade social “como o conjunto de papéis desempenhados pelo sujeito per si”. (SILVA; SILVA, 2010, p. 202-203 apud CARMO, 2015, p. 45)

Outro referencial teórico que passa ser relevante para a pesquisa, são as análises críticas sobre identidade social, do autor Michel Foucault. O autor enfatiza que as identidades não são inerentes ou fixas, mas são construídas e moldadas por relações de poder que operam em instituições e discursos sociais. Ele argumenta que

o poder não é apenas algo exercido de cima para baixo, mas permeia todas as dimensões da vida social e se manifesta por meio de estratégias de controle e normalização (FOUCAULT, 1979). No campo do jornalismo, a análise foucaultiana pode ser aplicada para entender como as práticas jornalísticas participam na construção das identidades sociais. Os jornalistas exercem poder ao selecionar quais histórias serão contadas, quais vozes serão amplificadas e como os eventos serão interpretados. Essas escolhas influenciam a maneira como as pessoas percebem a si mesmas e aos outros em relação à sociedade (VORRABER, 2000).

Na perspectiva de Fairclough (2001), a identidade social é um processo dinâmico e em constante mudança, moldado por diversos fatores, como classe social, gênero, etnia, nacionalidade, entre outros. Ele destaca que a identidade não é algo fixo ou estático, mas sim algo que é construído e negociado em interações sociais e discursivas. O autor enfatiza a relação entre identidade social e poder, argumenta que as estruturas de poder existentes em uma sociedade influenciam diretamente a construção e a negociação das identidades sociais. (FAIRCLOUGH, 2001). O poder está presente nas relações de linguagem e discurso, afetando quem tem o direito de falar, de ser ouvido e de ser representado. Nesse sentido, a identidade não é apenas uma questão individual, mas também política e social. A forma como as identidades são representadas e discutidas no discurso público tem impactos significativos nas relações de poder e nas oportunidades e desvantagens que os indivíduos enfrentam na sociedade. Em suma, esta perspectiva sobre identidade social nos leva a refletir sobre como a linguagem e o discurso são meios pelos quais os indivíduos constroem e negociam suas identidades em interação com as estruturas sociais e políticas. Compreender a dinâmica da identidade social nos permite analisar criticamente as relações de poder e as desigualdades presentes na sociedade contemporânea. (RAMALHO, 2005)

O que se levanta como questionamento principal é que “formas de ser” configuram-se como um termo que, por sua imprecisão, pode abarcar todas as subdivisões acima mencionadas e, por conseguinte, no interior da acepção (c), a de papel social. E, por outro lado, ao se posicionar e tomar para si a posição do “eu” que enuncia, ocorre um processo de representação tanto de si quanto do mundo que o cerca. (CARMO, 2015. p, 49)

Segundo Serge Moscovici (1988), a identidade social é um conceito fundamental que descreve a maneira como os indivíduos se veem e se identificam em relação aos grupos sociais aos quais pertencem. Moscovici argumenta que, a identidade social é um processo ativo de construção de significado, no qual os indivíduos se engajam em interações sociais e se apropriam das características, valores e normas do grupo. Para o autor, a identidade social não é algo fixo ou estático, mas sim uma construção fluída e dinâmica e, por isso, ele propõe que os indivíduos constroem sua identidade social através de processos de categorização, comparação e representação social (IRINEU, 2019). A categorização envolve classificar a si mesmo e aos outros em grupos sociais distintos, enquanto a comparação social implica em avaliar o próprio grupo em relação a outros grupos, buscando uma diferenciação positiva. Moscovici também destaca a importância do contexto social na formação da identidade. "A identidade social refere-se à parte da identidade pessoal que deriva do conhecimento de pertencer a um grupo social juntamente com o valor e o significado emocional que o indivíduo atribui a essa pertença" (MOSCOVICI, 1988, p. 12).

Ele argumenta que as interações sociais, as relações de poder e as influências culturais moldam a maneira como os indivíduos se veem e se identificam. Além disso, o autor contextualiza que, os indivíduos estão imersos em redes de relações sociais que influenciam sua identificação e pertencimento. Um aspecto central da teoria de Moscovici (1988) é o conceito de representações sociais, contextualizado no capítulo. Essas representações sociais são construídas através das interações sociais e da comunicação entre os membros do grupo, e desempenham um papel fundamental na formação da identidade coletiva. Em suma, Moscovici (1988) enfatiza que a identidade social é um processo dinâmico de construção de significado, no qual os indivíduos se identificam e se relacionam com os grupos sociais aos quais pertencem. Essa identidade é influenciada por processos de categorização, comparação social, contexto social e representações sociais compartilhadas. Compreender a identidade social segundo a perspectiva de Moscovici (1988) nos permite analisar e identificar como os indivíduos se relacionam com os grupos sociais e como essas relações afetam sua percepção de si mesmos e dos outros. (AUGUSTUS, 2000).

A abordagem de Foucault em relação à identidade social difere das concepções tradicionais, pois ele questiona a ideia de identidades fixas e essenciais.



Para Foucault, a identidade não é uma característica intrínseca do sujeito, mas sim um construto social e histórico. Ele argumenta que as identidades são produzidas e reguladas por meio de práticas discursivas e relações de poder presentes na sociedade. Foucault enfatiza que as identidades são fluidas e podem ser transformadas ao longo do tempo, influenciadas pelas normas e valores estabelecidos pelo poder. Dessa forma, a identidade social, de acordo com Foucault, é uma construção complexa e contingente, moldada pelas forças sociais e discursivas que atuam sobre os indivíduos em determinado contexto histórico e cultural.

O que denominamos "nossas identidades" poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos "viver", como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente. (HALL, 1997, p. 26 apud VORRABER, 2000, p. 59)

A identidade social e a comunicação social estão intrinsecamente conectadas, a comunicação, por sua vez, é a troca de informações e significados entre os indivíduos dentro de uma sociedade. Através da comunicação, expressamos nossa identidade social, compartilhamos nossas crenças, valores e experiências, e buscamos estabelecer conexões e pertencimento com os outros. A maneira como nos comunicamos, tanto verbalmente quanto através de expressões não verbais, molda e reflete nossa identidade social, influenciando e sendo influenciada pelo ambiente social em que estamos inseridos.

## **2.2 REPRESENTAÇÃO SOCIAL, IDENTIDADES E JORNALISMO**

A comunicação social, em especial o jornalismo, desempenha um papel significativo na construção e negociação da identidade social. Através da seleção, organização e apresentação de informações, os profissionais do jornalismo influenciam a maneira como as pessoas percebem a si mesmas e aos outros em relação à sociedade. A identidade social está intrinsecamente ligada ao contexto em que os indivíduos estão inseridos, e o jornalismo, como uma instituição mediadora dessa realidade, desempenha um papel crucial na moldagem das narrativas e representações sociais. Ao selecionar quais histórias são contadas, quais vozes são amplificadas, representadas e como os eventos são interpretados, os jornalistas

podem influenciar a percepção das identidades individuais e coletivas. (AMADO, 2019)

As metáforas da linguagem cotidiana falam das notícias como forças da natureza que impactam, abalam e chocam como terremotos. Elas se espalham como avalanches que não podem ser contidas. Às vezes, as notícias ganham vida por excesso de sensações e são sensacionais ou, em grau extremo, mórbidas. (AMADO, 2019. p, 13)

Outra teoria que se relaciona com o tema debatido pela pesquisa, é a hipótese de agenda setting de Maxwell McCombs e Donald Shaw (1996). De acordo com essa teoria, os profissionais do jornalismo têm o poder de influenciar a maneira como as pessoas percebem a si mesmas e aos outros em relação à sociedade, através da seleção, organização e apresentação de informações. A Hipótese de Agenda Setting sugere que os meios de comunicação de massa, como os veículos jornalísticos, não apenas fornecem informações aos públicos, mas também têm o poder de determinar quais questões são consideradas importantes e quais são ignoradas. Ao selecionar quais histórias são contadas e quais vozes são amplificadas, os jornalistas definem a agenda pública e influenciam a percepção das identidades individuais e coletivas. É importante ressaltar que a Hipótese de Agenda Setting não afirma que os meios de comunicação têm o poder de impor pensamentos e opiniões às pessoas, mas sim de definir quais assuntos são considerados relevantes e merecedores de atenção. Os públicos, por sua vez, são influenciados pela seleção de temas e pela ênfase dada a eles, moldando assim suas percepções e visões de mundo (MCCOMBS, 1996).

Logo, o jornalismo como enunciador de textos noticiosos, desempenha um importante papel de disseminar o que será debatido como interesse público, citando como exemplo a teoria do agendamento, que debate a forma como a população agenda seus assuntos em decorrência do que é pautado pela mídia. O jornalismo passa a ser o meio de acesso que utilizamos para compreender como nosso cotidiano é constituído e a partir do agendamento realizado pelos textos noticiosos, assim definimos como realizaremos nosso contato com a sociedade. Quando um profissional do jornalismo produz um texto noticioso, o mesmo é carregado com um conjunto de retóricas, estereótipos, astúcias táticas, representações de papéis, entre outros paradigmas, que conseqüentemente é transferido ao leitor que passa a naturalizar tudo isso que é apresentado ao indivíduo. Isso contribui diretamente para construção do que seria o “valor-notícia”, e o que seria legítimo de estar nesta

categoria, que é aprofundado nos estudos das ciências sociais e da psicologia social como a teoria da representatividade. (VIZEU, 2006)

A realidade se produz de forma massiva e cotidianamente no âmbito da mídia e, de maneira hegemônica, na televisão. É através da mídia que entramos em contato com a última declaração do Presidente da República, tomamos conhecimento do que ocorre no que diz respeito à Previdência, ao salário-mínimo, ao imposto de renda, ao emprego, às eleições, entre outros assuntos. Essas notícias, de uma forma ou de outra, serão interpretadas das mais diversas formas, servindo como um importante instrumento para a compreensão do mundo. (VIZEU, 2006, p. 32)

A representação social no âmbito do jornalismo e a teoria do agendamento são abordagens teóricas que se complementam no estudo da comunicação e da sociedade. A teoria do agendamento diz respeito à influência da mídia na definição da agenda pública. Ela propõe que a mídia desempenha um papel fundamental na seleção e na ênfase dada aos tópicos e questões que são considerados relevantes para a sociedade. Através do agendamento, a mídia pode definir quais assuntos são trazidos à atenção do público e moldar a percepção coletiva sobre determinados temas (MCCOMBS, 1996). Assim, a representação social e a teoria do agendamento estão interligadas no sentido de que as representações sociais são influenciadas e construídas em parte pela agenda mediática. A mídia desempenha um papel significativo na formação das representações sociais ao selecionar, enfatizar ou ignorar certos eventos e informações. Por exemplo, quando a mídia decide focar sua atenção em determinados assuntos, como crises políticas, questões ambientais ou problemas sociais, ela influencia a maneira como essas questões são representadas e percebidas pela sociedade em geral (VIZEU, 2019).

Na produção das notícias, temos de um lado a cultura profissional, entendida como um conjunto emaranhado de retóricas, astúcias táticas, códigos, estereótipos, tipificações, representações de papéis, rituais convenções relativos às funções da mídia dos jornalistas na sociedade, à concepção do produto-notícia e às modalidades que superintendem à sua confecção. Isso se traduz, pois, numa série de paradigmas e práticas profissionais dadas como naturais por outro lado, temos restrições ligadas à organização do trabalho sobre as quais se criam convenções profissionais que contribuem para definir o que é notícia, contribuem ainda para legitimar o processo produtivo, desde o uso das fontes até seleção dos acontecimentos (VIZEU, 2019, p. 35).

As práticas jornalísticas desempenham um papel fundamental na sociedade, influenciando a maneira como as classes marginalizadas são representadas e

percebidas. Historicamente, as vozes e as experiências das classes marginalizadas têm sido sub-representadas ou distorcidas na mídia, contribuindo para a perpetuação de estereótipos, preconceitos e desigualdades. Além disso, as práticas de cobertura jornalística podem ser influenciadas por viés implícitos e estereótipos arraigados. A seleção de histórias, a linguagem utilizada e a ênfase dada aos eventos podem refletir visões preconceituosas ou simplistas sobre as classes marginalizadas. Essa representação distorcida pode reforçar estereótipos negativos, perpetuar estigmas e contribuir para a marginalização contínua desses grupos (ALEXANDRE, 2001).

As funções básicas dos MCM são informar, divertir, persuadir e ensinar. A classificação, segundo Barbosa e Rabaça é falha, pois ignora os possíveis propósitos e necessidades inconscientes, que certamente existem tanto na fonte como nos receptores das mensagens. Para Charles Wright, os objetivos da comunicação de massa compreendem: 1. Detecção prévia do meio ambiente, com coleta e distribuição de informações; 2. Interpretação e orientação, com seleção e avaliação do material produzido para divulgação; 3. Transmissão de cultura, de valores e normas sociais de uma geração para outra, de membros de um grupo para outro; 4. Entretenimento, atos comunicativos com intenção de distrair ou divertir o receptor. Cada uma das atividades, enumeradas acima, pode exercer funções e também disfunções, que seriam os resultados indesejáveis do ponto de vista da sociedade ou de alguns de seus membros (ALEXANDRE, 2001, p. 113-114).

Outro aspecto a ser considerado são os processos de enquadramento utilizados nas reportagens. O enquadramento influencia a maneira como um problema ou uma questão é apresentado ao público. Quando se trata de classes marginalizadas, é comum que sejam enquadradas como problemas individuais ou como ameaças à segurança pública, em vez de serem contextualizadas em relação a questões estruturais e sociais mais amplas. Isso contribui para a culpabilização das classes marginalizadas e para a falta de responsabilização das estruturas de poder que perpetuam as desigualdades (VIZEU, 2019). O jornalismo e as vozes independentes têm emergido como alternativas importantes, permitindo que as próprias comunidades se expressem e contem suas histórias. Além disso, há uma crescente conscientização sobre a importância da diversidade nas redações e da sensibilidade cultural na cobertura de questões relacionadas às classes marginalizadas (PAULA, 2011). A transformação das práticas jornalísticas em relação às classes marginalizadas requer um compromisso contínuo com a equidade e a

justiça social. Isso envolve uma abordagem crítica do papel do jornalismo na reprodução ou na contestação das desigualdades sociais. Os jornalistas devem buscar ouvir e incluir as vozes das classes marginalizadas, questionar seus próprios preconceitos e estereótipos, e fornecer uma cobertura responsável, contextualizada e sensível às questões enfrentadas por esses grupos. Somente assim poderemos avançar em direção a uma mídia mais inclusiva, representativa para as classes marginalizadas. Os jornalistas têm o poder de moldar a forma como os acontecimentos são interpretados pelo público. Isso pode influenciar a percepção das identidades individuais e coletivas, bem como as relações entre os diferentes grupos sociais.

### 3 POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA (PSR)

A população em situação de rua é um fenômeno complexo e multifacetado que representa um dos grandes desafios sociais enfrentados em muitos países ao redor do mundo. Essa população é composta por indivíduos que vivem nas ruas, em espaços públicos, sem moradia fixa e acesso adequado a serviços básicos. As razões que levam as pessoas a essa condição são diversas e geralmente resultam de uma combinação de fatores sociais, econômicos, políticos e pessoais. De acordo com Rodriguez (2021), as características que enquadram um indivíduo em situação de rua, não são apenas aqueles que moram na rua, mas também pessoas da comunidade LGBTQIA+, que possuem atritos familiares e veem na rua uma válvula de escape para as angústias que vivem em suas casas, pessoas que trabalham com a prostituição, catadores de lixo, também são classificados como pessoas em situação de rua. A pesquisadora trata como PSR aqueles que migram, transitam, permanecem nas ruas, e fazem da rua um lugar de luta social, mesmo que invisibilizados (RODRIGUEZ, 2021).

Para além da questão da ausência de moradia e da utilização da rua como espaço de sobrevivência, algumas particularidades costumam ser comuns aos indivíduos que vivenciam o processo de realização. Características como gênero, raça/etnia, faixa etária, nacionalidade e grau de escolarização apontam certo nível de homogeneidade desse público. Essas características comuns não são mera coincidência. Se vinculam tanto à suscetibilidade de um determinado grupo à realização, quanto à permanência nessa condição (RODRIGUEZ. 2021, p. 25).

Aspectos políticos também têm influência na população em situação de rua, uma vez que a falta de políticas públicas eficazes, programas de assistência social adequados e abordagens abrangentes para enfrentar o problema contribuem para a perpetuação dessa realidade. A ausência de estratégias governamentais integradas para abordar a pobreza, garantir moradia acessível e fornecer suporte social adequado tem impactos diretos na vida dos indivíduos em situação de rua. A população em situação de rua enfrenta uma série de desafios e privações, como a falta de moradia, a exposição a condições insalubres, a violência, o acesso limitado a serviços de saúde e a discriminação social. Além disso, muitas vezes enfrentam barreiras para encontrar emprego, educação e se reintegrar à sociedade. É essencial que as políticas públicas e as organizações sociais adotem uma abordagem

multidimensional para lidar com essa realidade, fornecendo abrigo, assistência social, serviços de saúde, apoio psicológico, oportunidades de emprego e programas de reintegração social. (RODRIGUEZ, 2021).

Moradores de rua são a figura mais perfeita do abandono que está no imo da devoração capitalista. Convive-se com eles nos bairros elegantes das cidades grandes como se fossem um estorvo ou, para quem pensa de um modo mais humanitário, como um problema social a ser resolvido filantropicamente. Alguns moram em lugares específicos, têm sua “própria” esquina, carregam objetos de uso aonde quer que vão, outros perambulam a esmo desaparecendo da vista de quem tem onde morar. São meras fantasmagorias aos olhos de quem não é capaz de suportar sua alteridade. Esmagados pela contradição de morar onde não mora ninguém, não têm o direito de ser alguém. Partilham o desalugar. (MARCIA TIBÉRI, APUD FERREIRA, 2015, P. 9)

Os textos midiáticos possuem uma certa credibilidade. Assim, a maneira como os discursos orientadores desses textos retrata as PSR`s, acaba contribuindo para a formação de uma visão socialmente aceita sobre aqueles que se enquadram nessa condição. Além disso, isso pode resultar na minimização de certas situações de desamparo, ausência ou negligência, por exemplo, por parte do estado, estado esse que deveria cuidar, proteger e atender igualmente a todos os seus cidadãos. No caso da população em situação de rua, a mídia muitas vezes reproduz estereótipos e preconceitos que contribuem para a marginalização e a estigmatização dessas pessoas. Ao retratá-las como marginais, perigosas ou indolentes, a mídia reforça uma visão distorcida que desumaniza e desvaloriza esses indivíduos (FERREIRA, 2015). Essas representações negativas têm consequências significativas na vida da população em situação de rua. Além de influenciar a forma como são tratados pela sociedade em geral, também afetam a autoestima e a percepção de si mesmos dessas pessoas. A exposição constante a estereótipos e visões negativas pode levar à internalização dessas percepções, dificultando ainda mais a reinserção social e a busca por oportunidades de melhorias de vida.

Situações reais e de larga escala, como foi por exemplo a pandemia do COVID-19, podem restar agravadas para a população em situação de rua, em decorrência dessas formas de representação. Esses indivíduos enfrentaram desafios ainda maiores em termos de saúde, segurança e acesso a serviços essenciais. Com a implementação de medidas de distanciamento social e restrições de circulação, muitos dos recursos e suportes que normalmente estavam disponíveis para eles se

tornaram ainda mais escassos. Abrigos e centros de acolhimento tiveram que reduzir sua capacidade para garantir o distanciamento seguro, o que resultou em mais pessoas vivendo nas ruas sem abrigo adequado.

Os impactos da pandemia são muito mais intensos, conforme apontamos, em grupos mais vulnerados, como pessoas de baixa renda, trabalhadores informais ou precarizados, população negra, população indígena, população quilombola, população ribeirinha e população em situação de rua. Esses impactos começaram a ser sentidos logo no início da pandemia, em meados de março [de 2020], quando o isolamento social foi decretado no Rio de Janeiro. Os comércios fechados esvaziaram as ruas (RODRIGUEZ. 2021, p. 42).

Além disso, a falta de acesso a água potável, saneamento básico e higiene adequada aumentou a vulnerabilidade da população em situação de rua à infecção pelo vírus. A falta de acesso a serviços de saúde também se mostrou um desafio, pois muitos indivíduos em situação de rua tiveram dificuldades em receber atendimento médico adequado. Além disso, com a redução das atividades econômicas e o aumento do desemprego, muitos perderam suas fontes de renda e tiveram ainda mais dificuldade em obter alimentos e recursos básicos para sobreviver. Nesse contexto, organizações da sociedade civil, voluntários e profissionais de saúde desempenharam um papel crucial ao fornecer assistência emergencial, distribuir alimentos, água e itens de higiene, e promover a conscientização sobre a situação da população em situação de rua durante a pandemia. No entanto, a crise evidenciou a necessidade de políticas públicas mais efetivas e abrangentes que abordem a situação da população em situação de rua a longo prazo, garantindo seu direito à moradia, saúde e dignidade.

A própria vida na rua tende a afetar a saúde dessas pessoas, principalmente em virtude de questões nutricionais devido à insegurança alimentar, dificuldade de higienização, dificuldades de acesso a serviços de saúde e ao cuidado contínuo, além da própria exposição às intempéries que a ausência de um domicílio implica (RODRIGUEZ, 2021, p. 43).

A população em situação de rua está intrinsecamente ligada à representação social e à construção de identidade. A forma como essa população é representada na sociedade influencia a maneira como são percebidos e tratados. A mídia, por exemplo, desempenha um papel importante na construção dessas representações, através de narrativas estigmatizantes que muitas vezes retratam as pessoas em situação de rua como marginais, perigosas ou indolentes. Essas representações negativas contribuem para a reprodução de estereótipos e preconceitos,



influenciando a maneira como a população em situação de rua é vista pelos outros e por si mesma. No entanto, é importante ressaltar que, a identidade da população em situação de rua não se limita apenas à sua condição atual. Cada indivíduo tem uma história única, experiências de vida diversas e uma identidade que vai além da situação de rua. É necessário reconhecer a complexidade e a diversidade dessas identidades, promovendo uma representação mais justa e inclusiva que respeite a dignidade e a singularidade de cada pessoa.

Como exemplo, as pessoas que vivem na rua são associadas à marginalidade, essa representação lhes foi transferida, e essas pessoas são sinônimos de transtornos e incômodos para a população. Ainda que parte da população esteja consciente de algumas discrepâncias da relatividade das avaliações em relação às pessoas que vivem nas ruas, esses conceitos estão fixados nessa transferência, mesmo que seja apenas para poder garantir um mínimo de coerência entre o desconhecido e conhecido (FERREIRA, 2015, p. 15).

O jornalismo desempenha um papel importante na cobertura e na narrativa em torno da população em situação de rua. Os meios de comunicação têm o poder de dar voz a essas pessoas, amplificar suas histórias e desafiar estigmas e preconceitos associados a elas. Por meio de reportagens e documentários, o jornalismo pode destacar as questões estruturais e sociais que contribuem para a situação de rua, bem como as histórias de resiliência e superação dos indivíduos envolvidos. (FERREIRA, 2015). A partir de todo o aparato teórico apresentado até o momento, passaremos agora à descrição da metodologia. Nessa seção, apresentaremos os métodos pelos quais faremos a coleta dos materiais para o corpus, bem como a forma como os utilizaremos para realizar a análise.

## 4. MÉTODO

Com base na compreensão da influência da mídia na construção das representações sociais da população em situação de rua e na importância do jornalismo como agente de transformação dessas narrativas estigmatizantes, torna-se fundamental investigar como as notícias veiculadas na imprensa contribuem para a formação dessas representações. O presente capítulo de método tem como objetivo descrever a abordagem metodológica a ser adotada para analisar a cobertura jornalística sobre a população em situação de rua, buscando compreender as estratégias discursivas e a construção semântica utilizadas pelos veículos de comunicação na construção dessas narrativas.

Será realizada uma pesquisa exploratória de natureza qualitativa, por meio de análise de conteúdo, onde nos apropriaremos do conceito estabelecido por Bardin (1988). A escolha desse método permite uma compreensão aprofundada das estratégias discursivas presentes nas notícias, possibilitando identificar os temas recorrentes, as representações construídas e os recursos linguísticos e visuais utilizados.

Na análise de conteúdo, a inferência é considerada uma operação lógica destinada a extrair conhecimentos sobre os aspectos latentes da mensagem analisada. Assim como o arqueólogo ou o detetive trabalham com vestígios, o analista trabalha com índices cuidadosamente postos em evidência, tirando partido do tratamento das mensagens que manipula, para inferir (deduzir de maneira lógica) conhecimentos sobre o emissor ou sobre o destinatário da comunicação (BARDIN, 1988, p. 285)

A amostra será composta por um conjunto representativo de notícias veiculadas em veículos de comunicação selecionado para o corpus. A seleção das notícias será realizada por meio de busca sistemática em bases de dados online, utilizando palavras-chave relacionadas à população em situação de rua, covid-19 e pandemia. Serão coletadas notícias consideradas factuais para a época. Para a análise de conteúdo, será elaborado um roteiro de categorias e indicadores, com base na revisão bibliográfica, sobre representação social, jornalismo e população em situação de rua. O roteiro contemplará aspectos como as principais temáticas abordadas, as fontes utilizadas, o enquadramento dado ao fenômeno da população em situação de rua, a presença de estereótipos e preconceitos, entre outros elementos relevantes, e em como essa população são representadas no individual e coletivo.

A coleta de dados consistirá na leitura flutuante, contextualizada por Bardin (2011) das notícias selecionadas.

O desenvolvimento do método de análise de conteúdo é o resultado da contribuição de diversos autores. Entre as tendências metodológicas existentes, encontra-se a proposta da pesquisadora francesa Laurence Bardin (1988). Isso não invalida, neste capítulo, a inclusão de outras ideias no delineamento metodológico de Bardin, seja como forma de enriquecer ou de atualizar seu pensamento.<sup>3</sup> Em sua concepção original, a autora estruturou o método de análise de conteúdo em cinco etapas: (3.1) Organização da análise; (3.2) A codificação; (3.3) A categorização; (3.4) A inferência; e (3.5) O tratamento informático. (BARROS, 2011, p. 288)

A análise de conteúdo, em suas etapas acima postas, será combinada à Análise Crítica do Discurso (ACD) como uma abordagem complementar na metodologia deste estudo, para analisarmos as notícias. A ACD segundo Fairclough (2001), permite investigar não apenas o conteúdo explícito das notícias, mas também os discursos subjacentes, as relações de poder e as ideologias presentes na construção dessas representações sociais.

Discurso significa em curso, em movimento. Assim, a discursividade implica a compreensão de que a mensagem é construída no interior de uma conversa e é a concretização de um ato. A linguagem é um instrumento de comunicação que está sempre em atividade, seja nas relações cotidianas, coloquiais, seja nas interações institucionais, formais. (BARROS, 2011, p. 305)

Por meio da ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO, será possível identificar os discursos dominantes, as contradições, as estratégias de legitimação e exclusão, bem como os valores e visões de mundo que permeiam as narrativas midiáticas sobre a população em situação de rua. Essa abordagem acrescentará uma dimensão mais profunda à compreensão dos processos discursivos envolvidos na construção das representações, permitindo uma análise crítica das relações entre linguagem, poder e ideologia na cobertura jornalística sobre essa temática sensível.

Por fim, os resultados serão apresentados de forma descritiva e analítica, com embasamento teórico, destacando as principais tendências identificadas na cobertura jornalística e as estratégias discursivas utilizadas na construção das representações sociais da população em situação de rua durante a pandemia de 2020. A discussão dos resultados será pautada nos materiais existentes. Dessa forma, a análise da cobertura jornalística proporcionará insights importantes para compreender como as

narrativas sobre a população em situação de rua são construídas. A análise de conteúdo e a análise do discurso são duas abordagens distintas, mas se tornam complementares para esta pesquisa em questão. Ambas têm o objetivo de extrair significados, identificar padrões e interpretar os textos noticiosos selecionados para análise, porém, elas se concentram em aspectos diferentes e utilizam métodos distintos para análise

#### **4. 1 ANÁLISE DE CONTEÚDO**

Para coletarmos os textos noticiosos e realizarmos a análise desta pesquisa, utilizaremos do método qualitativo de análise de conteúdo. A análise de conteúdo é um método de pesquisa bastante utilizado no campo da comunicação, para examinar e compreender o conteúdo das mensagens veiculadas em diferentes meios de comunicação, como jornais, revistas, programas de televisão, websites, redes sociais, entre outros. Essa abordagem metodológica busca extrair significados, identificar padrões, compreender discursos e interpretar as representações simbólicas presentes nas mensagens comunicativas. Segundo Bardin (2011), a análise de conteúdo consiste em uma série de procedimentos sistemáticos e objetivos, que visam a identificar e interpretar os elementos-chave presentes nas mensagens analisadas. A pesquisadora propõe uma metodologia rigorosa, que busca superar a subjetividade e oferecer resultados confiáveis e consistentes, na pesquisa a análise de conteúdo é definido como.

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 42).

A abordagem de Bardin envolve três etapas principais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Na pré-análise, o pesquisador realiza um levantamento inicial, definindo os objetivos da pesquisa, selecionando o corpus (conjunto de materiais a serem analisados) e estabelecendo as categorias de análise, que representam as unidades de análise relevantes para o estudo.

Trata-se de uma fase de organização dos dados com o objetivo de constituir o corpus da pesquisa. O corpus é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos. (MENDES, 2017, p. 9)

A etapa de exploração dos textos noticiosos envolve, a codificação das unidades de análise identificadas. Bardin distingue três formas de codificação: codificação aberta, que consiste na identificação de unidades de sentido relevantes; codificação axial, que busca categorizar e relacionar as unidades de análise; e codificação seletiva, que envolve a seleção das unidades de análise mais importantes para responder aos objetivos da pesquisa. Após a codificação, ocorre o tratamento dos resultados, que consiste em analisar e interpretar os dados obtidos. Essa etapa envolve a organização e a síntese das informações codificadas, a identificação de padrões, a busca de relações e associações, bem como a elaboração de conclusões fundamentadas nos dados (MENDES, 2017).

Uma contribuição importante de Bardin é o reconhecimento da importância da interpretação na análise de conteúdo. Ela destaca que a análise não se limita apenas à descrição do conteúdo, mas também envolve a compreensão dos significados subjacentes, das intenções comunicativas e dos contextos sociais e culturais em que as mensagens estão inseridas. Além disso, Bardin enfatiza a necessidade de garantir a validade e a confiabilidade dos resultados, por meio do uso de critérios claros, da documentação detalhada dos procedimentos adotados e da aplicação consistente da metodologia (BARDIN, 2011). Dessa forma, a abordagem de Bardin contribui para o avanço da análise de conteúdo como um método rigoroso e científico, que permite a investigação aprofundada de mensagens comunicativas e a compreensão dos discursos presentes na sociedade. Seu enfoque estruturado e sistemático oferece diretrizes claras para os pesquisadores, promovendo a qualidade e a confiabilidade das análises realizadas. O objetivo principal da análise de conteúdo é desvendar as características e os elementos presentes no material analisado, de modo a investigar aspectos específicos, como temas, estruturas, valores, intenções, relações sociais, discursos dominantes e subalternos, além de identificar tendências e mudanças ao longo do tempo. Essa metodologia permite aos pesquisadores examinar uma ampla variedade de conteúdos. (MENDES, 2017)

Vale ressaltar que a análise de conteúdo não se limita apenas à descrição e à interpretação do material analisado. Ela também pode ser utilizada para realizar comparações, identificar tendências, estabelecer relações de causa e efeito, analisar mudanças ao longo do tempo e até mesmo para embasar recomendações práticas em diferentes áreas da comunicação, como publicidade, jornalismo, relações públicas

e estudos de mídia. Além disso, a análise de conteúdo também pode revelar aspectos relacionados à construção de narrativas jornalísticas (MENDES, 2017). Ao analisar a estrutura, a organização e os elementos narrativos presentes nas matérias jornalísticas, é possível compreender como os jornalistas constroem e apresentam histórias aos leitores, ouvintes ou telespectadores. Essa análise pode ajudar a revelar a presença de determinados vieses, valores ideológicos ou interesses editoriais que influenciam a forma como os fatos são relatados (MARTINEZ, 2014). Para esta pesquisa em questão, a análise do conteúdo servirá como um complemento para realização da análise a auxiliará na coleta e organização dos textos noticiosos. Com a ajuda deste método, conseguiremos categorizar o texto e a partir da teoria da análise crítica do discurso analisaremos o conteúdo dos textos

## **4.2 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO**

Após coletarmos os textos noticiosos com as propriedades da análise de conteúdo como método, analisaremos os textos do corpus discursivamente de forma crítica. Para isso, nos apropriaremos da teoria da análise crítica do discurso como método para a análise. A análise crítica do discurso, de acordo com (FAIRCLOUGH, 2001), é uma abordagem teórica e metodológica que busca examinar as relações entre a linguagem, o poder e a ideologia. Essa abordagem visa desvendar como o discurso é utilizado para reproduzir e perpetuar relações de dominação, desigualdade e opressão na sociedade. A análise crítica do discurso tem suas bases na teoria crítica e na linguística, combinando elementos desses dois campos para entender a maneira como as estruturas sociais e as relações de poder são refletidas e (re)produzidas na linguagem (FAIRCLOUGH, 2001). Ela busca ir além da superfície textual e examinar as estruturas sociais, os contextos e as práticas discursivas que influenciam a produção, a circulação e a interpretação dos discursos.

A concepção de práticas sociais nos permite combinar as perspectivas de estrutura e de ação –uma prática é, por um lado, uma maneira relativamente permanente de agir na sociedade, determinada por sua posição dentro da rede de práticas estruturada; e, por outro, um domínio de ação social e interação que reproduz estruturas, podendo transformá-las. Todas são práticas de produção, arenas dentro das quais a vida social é produzida, seja ela econômica, política, cultural ou cotidiana. (FERREIRA, 2012, p. 2)

Fairclough (2001), enfatiza a importância da análise do discurso como uma prática socialmente engajada, que busca desafiar as formas dominantes de discurso

e promover a mudança social. Nesse sentido, a análise crítica do discurso procura evidenciar as contradições, os vieses, as exclusões e as ideologias presentes nos discursos, expondo as estratégias de poder e controle que podem estar por trás deles. A análise crítica do discurso também está preocupada com a relação entre a linguagem e a identidade, como contextualizado nos capítulos anteriores. O pesquisador reconhece que os discursos não apenas refletem, mas também constroem identidades sociais, influenciando como os indivíduos se veem e são vistos na sociedade. Por meio da análise crítica do discurso, é possível investigar como certos discursos podem marginalizar, estigmatizar ou silenciar grupos específicos, reforçando assim as desigualdades e a opressão, o que pode ser relacionado com o objetivo desta pesquisa (FAIRCLOUGH, 2001). Para o autor da teoria, as práticas discursivas incluem os seguintes elementos: a. atividade produtiva; b. meios de produção; c. relações sociais; d. identidades sociais; e. valores culturais; f. consciência; g. semiose; (FERREIRA, 2012). Percebe-se que, uma análise crítica do discurso sensível ao tempo implica considerar o contexto específico de um determinado período. Isso envolve levar em conta os eventos e desenvolvimentos relacionados à temática em análise.

Além de traçar a história das questões públicas (a sequência de textos que aparecem nos meios de comunicação e a evolução de seu significado), uma análise do discurso sensível ao tempo implica também considerar o contexto específico de um determinado período, desde eventos e desenvolvimentos específicos relacionados com a questão em análise até aspectos mais amplos do ambiente social (CARVALHO, 2015, p. 6)

Outro conceito de suma importância para a teoria da Análise Crítica do Discurso é a noção de discurso hegemônico, o que pode ser relacionado com os capítulos anteriores sobre representação e identidade social. O discurso hegemônico refere-se às formas de discurso que são dominantes em uma determinada sociedade e que exercem poder e controle sobre outras formas de discurso. Esse discurso hegemônico é influenciado e mantido por instituições, como a mídia, o governo, as corporações, entre outros, e pode ser utilizado para preservar as estruturas de poder existentes. Tendo noção disso, este conceito metodológico pode ser aplicado durante a análise desta pesquisa, para analisar como esses discursos dominantes acabaram reforçando estereótipos nos textos noticiosos dos jornais selecionados, durante a pandemia de 2020.

Uma determinada estruturação social da diversidade semiótica pode ser hegemônica, tornar-se parte do senso comum legitimador que sustenta as relações de dominação. Mas a hegemonia, em seus períodos de crise, será sempre contestada em maior ou menor proporção. Uma ordem de discurso não é um sistema fechado ou rígido, é, na verdade, um sistema aberto posto em risco pelo que acontece em interações reais (FERREIRA, 2012, p. 5).

Para entender a ACD, é importante contextualizar sobre a semiose no discurso, também mencionado na pesquisa como, sentido, semântica. A semiose refere-se à produção e interpretação de significados por meio de sinais, símbolos e linguagem. Na análise crítica do discurso, a semiose é considerada como um elemento central para entender como os discursos são construídos, disseminados e interpretados na sociedade, a comunicação não se limita apenas ao uso da linguagem verbal, mas também inclui elementos não verbais, como imagens, gestos e outros sinais. Através da semiose, os discursos ganham significado e são codificados e decodificados pelos participantes das práticas discursivas (FAIRCLOUGH, 2001).

A semiose como parte da atividade social constitui gêneros discursivos. Os gêneros são as maneiras diversas de agir, de produzir a vida social semiticamente. São exemplos: a conversação cotidiana, as reuniões dos diversos tipos de organização, as entrevistas políticas e de outros tipos, e as críticas de livros. A semiose na representação e autorrepresentação de práticas sociais constitui-os discursos, que são as várias representações da vida social. Os atores sociais posicionados diferentemente veem e representam a vida social de modo distinto, com discursos distintos. A vida de pessoas pobres, por exemplo, é representada nas práticas sociais do governo, da política, da medicina, da ciência social, e os diferentes discursos, inseridos nessas práticas, correspondem às diversas posições dos atores sociais (FERREIRA, 2012, p. 4).

Na Análise Crítica do Discurso, a atenção é voltada para a forma como a semiose é utilizada para construir e transmitir ideologias, relações de poder e dominação. Os discursos não são apenas meios de expressão, mas também veículos de controle social e reprodução das estruturas de poder existentes. (FAIRCLOUGH 2001) argumenta que a semiose não é neutra, mas sim influenciada pelas relações de poder e pelas ideologias dominantes na sociedade. Os discursos podem ser utilizados para manter as desigualdades existentes, estigmatizar determinados grupos sociais, reforçar preconceitos e promover a dominação. Portanto, a análise crítica do discurso busca desvelar essas dimensões ideológicas presentes na semiose e questionar as formas de poder e controle exercidas através dos discursos.

Como forma de observação e análise, (FAIRCLOUGH, 1992) propõe um modelo tridimensional, composto por três dimensões interconectadas: a dimensão



textual, a dimensão discursiva e a dimensão social. A dimensão textual refere-se às características linguísticas e textuais do discurso, como a escolha vocabular, a gramática, a estrutura do texto e os recursos retóricos utilizados. A dimensão discursiva foca nas práticas sociais e interações discursivas, investigando como os discursos são construídos, disseminados e interpretados pelos falantes. Por fim, a dimensão social aborda as estruturas sociais, as relações de poder e as ideologias subjacentes aos discursos, analisando como eles refletem e sustentam as desigualdades e os conflitos sociais.

A pesquisa no âmbito da comunicação, em específico no jornalismo e a análise crítica do discurso são dois campos que interagem entre si diariamente. Todo aparato metodológico permite as pesquisas em comunicação examinar de maneira mais profunda as relações entre linguagem, poder e ideologia presentes nas práticas discursivas jornalísticas. Ela permite aos pesquisadores da área questionar as estruturas de poder, os vieses ideológicos e as formas sutis de influência presentes no discurso midiático. Isso possibilita uma análise mais aprofundada das escolhas linguísticas, das estratégias retóricas e das narrativas construídas pelas notícias, auxiliando reconhecerem e evitarem armadilhas discursivas que possam distorcer a realidade.

O jornalismo é tipicamente uma reconstrução discursiva da realidade. É raro os jornalistas testemunharem eventos ou conhecerem a realidade de uma maneira que não envolva a mediação de outros. Uma variedade de atores sociais serve como fontes de informação para os profissionais dos media, de forma direta ou indireta (CARVALHO, 2015, p. 7)

Além disso, a Análise Crítica do Discurso ajuda a revelar as relações entre jornalismo e poder. Ela examina como as relações de poder, políticas e econômicas influenciam a produção de notícias, a seleção de fontes, a agenda-setting e a construção de narrativas. Essa compreensão crítica permite aos pesquisadores e futuros jornalistas questionar o status e desafiar narrativas dominantes e dar voz a perspectivas marginalizadas, contribuindo para uma cobertura mais plural e democrática.

O reconhecimento da contribuição de todos os aspectos do contexto comunicativo para o significado do texto, assim como uma crescente consciência, nos estudos da mídia em geral, da importância dos aspectos não-verbais dos textos, fez com que a atenção de alguns pesquisadores se

voltasse mais para os mecanismos semióticos presentes no discurso (WODAK, 2004, p. 233)

A Análise Crítica do Discurso também permite ao jornalismo investigar a construção social da realidade e a representação de atores sociais, como citado anteriormente. Ela ajuda a identificar estereótipos, estigmatizações e exclusões presentes no discurso jornalístico, fornecendo exemplos concretos de práticas discursivas e discursos midiáticos para análise (CARVALHO, 2015). Pelo fato de as pesquisas no âmbito da comunicação ser algo recente. Todos os dias são descobertos novos desdobramentos na teoria da ACD e sua relação com o jornalismo, em uma pesquisa acadêmica como está, se torna inviável contemplar todos esses desdobramentos.

Devido ao âmbito deste tipo de análise, o volume de material a ser analisado pode ser vasto. É, portanto, inexequível para um único investigador analisar cada unidade de análise (por exemplo, um artigo noticioso). A solução sugerida é analisar alguns períodos de forma exaustiva e, em seguida, concentrar-se em 'momentos críticos do discurso', o que parece uma opção mais adequada do que a amostragem aleatória ou a escolha dos textos de forma arbitrária. A análise desses 'momentos' permite a identificação de viragens discursivas e/ou de linhas contínuas de argumentação em momentos particularmente importantes na construção social de um problema (CARVALHO, 2015, p. 21).

Dessa forma, ao combinar os conceitos teóricos apresentado até aqui, de representação, identidade, análise de conteúdo e análise crítica do discurso, espera-se compreender mais profundamente as formas como os moradores de rua são representados nos textos jornalísticos selecionados. A análise das representações e identidades, presentes nos textos permitirá identificar as dinâmicas discursivas e ideológicas que influenciam a construção dessas representações, contribuindo para uma análise crítica sobre o papel da mídia na perpetuação ou transformação dos discursos e estigmas associados à população em situação de rua.

### **4.3 CORPUS**

O corpus de pesquisa consistirá em uma seleção de textos noticiosos dos jornais Folha d`S Paulo e Estadão, em específico as notícias publicadas no período de março a setembro de 2020, que abordam a temática dos moradores de rua. Serão analisados os títulos e as linhas de apoios das notícias, levando em consideração que esses elementos são o primeiro contato do leitor com os textos. A escolha desses

dois jornais se deve à sua relevância e abrangência nacional na mídia brasileira, em específico na cidade de São Paulo. Para a constituição do corpus, foram utilizados métodos de busca sistemática em bases de dados online dos jornais, utilizando palavras-chave relacionadas à população em situação de rua, como "moradores de rua", "população em situação de vulnerabilidade", "sem-teto", entre outros termos pertinentemente análogos e/ou sinônimos. A pesquisa será restrita ao período mencionado, a fim de analisar o contexto específico da pandemia de 2020. Utilizaremos das propriedades definidas por Rodriguez (2021). Após a coleta dos textos noticiosos relevantes, realizada com o aparato metodológico da análise de conteúdo, será realizada a análise crítica do discurso como metodologia de análise.

O contexto histórico do jornal Estadão, fundado em 1875, é marcado por uma série de fatores que podem contribuir para a representação negativa da população em situação de rua. Em primeiro lugar, o jornal foi fundado por um grupo de republicanos, que defendiam os interesses da elite paulista. Essa elite, historicamente, tem se beneficiado da desigualdade social e da exclusão de grupos marginalizados, como a população em situação de rua. O jornal sempre foi alinhado aos interesses do poder econômico. Isso significa que historicamente ele tem se posicionado contra políticas públicas que promovam a inclusão social e a redução da desigualdade. O jornal tem uma longa tradição de conservadorismo. Isso significa que ele tende a reproduzir discursos e imagens que reforçam as desigualdades sociais e o preconceito.

O contexto histórico do jornal Folha d`S Paulo, fundado em 1921, também é marcado por uma série de fatores que podem contribuir para a sua representação negativa da população em situação de rua. O jornal foi fundado por um grupo de jornalistas que defendiam os interesses das classes trabalhadoras urbanas. Essa defesa dos interesses das classes trabalhadoras contribuiu para que o jornal se posicionasse contra a desigualdade social e a exclusão de grupos marginalizados, como a população em situação de rua. No entanto, ao longo de sua história, o jornal passou por uma série de mudanças que contribuíram para a sua mudança de orientação editorial. Em particular, a partir da década de 1990, o jornal passou a se alinhar mais aos interesses do poder econômico e político. Essa mudança de orientação editorial contribuiu para que o jornal passasse a reproduzir discursos e imagens que reforçam as desigualdades sociais e o preconceito. No caso da população em situação de rua, essa mudança se refletiu na adoção de quadros de

representação que enfatizam os aspectos negativos dessa população, como a violência, a criminalidade e a insalubridade.

Para realizar a categorização e análise do corpus delimitado até aqui, nos serviremos da teoria de representação social do pesquisador, Theo Van Leeuwen (1993), teoria essa, que conversa diretamente com a análise crítica do discurso. O pesquisador defende em sua teoria que, os textos noticiosos são práticas sociais da imprensa enquanto instituição, e que essa prática ocorre em termos de recontextualização da realidade. O autor aponta que não há, por parte da imprensa, um cuidado no sentido de observar os modos como são recontextualizados os diferentes subcampos representados nos textos que se veiculam aos leitores.

Van Leeuwen observa dois tipos de relação entre discurso e práticas sociais: discurso como uma forma de ação e discurso como um modo de representar práticas sociais. Nesse sentido, o autor aponta que à ACD concernem esses dois aspectos: discurso como instrumento de poder e controle e discurso como instrumento de construção social da realidade. A ACD também se relaciona com os modos pelos quais a representação da mudança das práticas sociais é realizada na e através da linguagem (NOVODVORSKI, 2013, p.11)

Sendo assim, analisaremos os textos a partir dos substantivos e adjetivos das notícias destinados a essa parcela da população, ou que falava sobre essa parcela de acordo com quadros teóricos de representação social elaborado por Van Leeuwen. Analisaremos os títulos e as linhas de apoio dos textos noticiosos selecionados para a análise.

A ACD busca compreender os aspectos ideológicos, as relações de poder e as estratégias discursivas presentes nos textos. Serão identificados os discursos dominantes, as formas de representação, as estratégias de legitimação ou deslegitimação, as contradições e os valores implícitos nos textos selecionados. Será conduzida por meio da identificação de unidades de significado, análise de estruturas linguísticas, estudo de argumentação e análise de elementos contextuais. Será dada ênfase à identificação de elementos ideológicos e discursivos que sustentam as representações da população em situação de rua presentes nos textos noticiosos. A interpretação dos resultados será embasada nesta teoria, bem como em contribuições teóricas relevantes no campo da comunicação, estudos sociais. Serão realizadas reflexões críticas sobre as implicações dos discursos midiáticos na

construção das representações sociais dos moradores de rua, considerando o contexto histórico e social em que os textos foram produzidos.

## 5. SELEÇÃO E COLETA DOS DADOS

Segundo os fundamentos metodológicos de Bardin (2011), a análise de conteúdo é uma abordagem metodológica que nos permite coletar e analisar textos noticiosos dos sites dos jornais Folha de S. Paulo e Estadão. Utilizamos essa metodologia para coletar e categorizar os conteúdos presentes nessas fontes, por meio da criação de uma tabela onde as seções são separadas pelas notícias provenientes de cada veículo. Essa categorização nos auxilia a identificar e compreender os diferentes temas abordados pelos jornais, bem como suas abordagens e enfoques específicos. Dessa forma, podemos realizar uma análise mais aprofundada e comparativa das informações veiculadas por essas importantes fontes jornalísticas.

Nos sites do Folha de S. Paulo e Estadão, é possível encontrar textos noticiosos que abordam a situação da população em situação de rua. No entanto, é perceptível que o algoritmo utilizado para seleção de notícias não é totalmente preciso, incluindo também outras temáticas. Diante disso, faz-se necessário um aprimoramento na filtragem dessas notícias, a fim de coletar e apresentar ao leitor desta pesquisa, apenas aquelas que verdadeiramente representam os a população em situação de rua de alguma forma.

### 5.1 CATEGORIZAÇÃO E FILTRAGEM DOS DADOS DO ESTADÃO

<b>Estadão</b>	<b>Link</b>	<b>Substantivos/Adjetivos</b>
Texto 1	<a href="https://www.estadao.com.br/politica/mariana-carneiro/secretario-quer-engajar-cidades-em-vacinacao/">https://www.estadao.com.br/politica/mariana-carneiro/secretario-quer-engajar-cidades-em-vacinacao/</a>	População em situação de rua.
Texto 2	<a href="https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/atuacao-na-comunidade-estamos-fazendo-tudo-o-que-podemos/">https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/atuacao-na-comunidade-estamos-fazendo-tudo-o-que-podemos/</a>	População mais vulnerável
Texto 3	<a href="https://www.estadao.com.br/emails/bruna-ribeiro/fnpeti-">https://www.estadao.com.br/emails/bruna-ribeiro/fnpeti-</a>	Crianças e adolescentes em situação de rua, população

	demonstra-preocupacao-com-aumento-do-trabalho-infantil-durante-pandemia/	em situação de rua
Texto 4	<a href="https://www.estadao.com.br/cultura/gilberto-amendola/desculpem-a-ma-comunicacao-diz-bia-doria/">https://www.estadao.com.br/cultura/gilberto-amendola/desculpem-a-ma-comunicacao-diz-bia-doria/</a>	População em situação de rua
<b>Texto 5</b>	<a href="https://www.estadao.com.br/politica/gestao-politica-e-sociedade/e-quem-nao-tem-casa/">https://www.estadao.com.br/politica/gestao-politica-e-sociedade/e-quem-nao-tem-casa/</a>	População em situação de rua
Texto 6	<a href="https://www.estadao.com.br/internacional/criancas-de-rua-vitimas-colaterais-da-pandemia-no-cairo/">https://www.estadao.com.br/internacional/criancas-de-rua-vitimas-colaterais-da-pandemia-no-cairo/</a>	Crianças de rua
<b>Texto 7</b>	<a href="https://www.estadao.com.br/saude/covid-empurra-desempregados-para-ruas-e-abrigos/">https://www.estadao.com.br/saude/covid-empurra-desempregados-para-ruas-e-abrigos/</a>	Desempregados
Texto 8	<a href="https://www.estadao.com.br/emails/comportamento/unicef-ministerio-publico-trabalho-e-rede-ibab-solidaria-doam-kits-de-higiene-em-meio-a-pandemia/">https://www.estadao.com.br/emails/comportamento/unicef-ministerio-publico-trabalho-e-rede-ibab-solidaria-doam-kits-de-higiene-em-meio-a-pandemia/</a>	“Famílias que estão em ocupações ou em situação de rua”
Texto 9	<a href="https://www.estadao.com.br/emails/comportamento/campanha-celebra-diversidade-lgbtqia-e-ajuda-comunidade-afetada-pela-covid-19/">https://www.estadao.com.br/emails/comportamento/campanha-celebra-diversidade-lgbtqia-e-ajuda-comunidade-afetada-pela-covid-19/</a>	Pessoas transvestigênera em situação de rua
Texto 10	<a href="https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/os-segmentos-sociais-mais-afetados-pela-pandemia-da-covid-19/">https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/os-segmentos-sociais-mais-afetados-pela-pandemia-da-covid-19/</a>	População em situação de rua, moradores de favela, ocupações, vítimas de violência doméstica, migrantes e deficientes
Texto 11	<a href="https://www.estadao.com.br/politica/gestao-politica-e-sociedade/catadores-e-varredores-trabalhadores-invisiveis-e-essenciais-em-meio-a-pandemia/">https://www.estadao.com.br/politica/gestao-politica-e-sociedade/catadores-e-varredores-trabalhadores-invisiveis-e-essenciais-em-meio-a-pandemia/</a>	catadores, varredores e trabalhadores invisíveis

Texto 12	<a href="https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/promotoria-pede-que-cohab-e-cdhu-abriguem-vulneraveis-em-imizeis-ociosos-durante-a-pandemia/">https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/promotoria-pede-que-cohab-e-cdhu-abriguem-vulneraveis-em-imizeis-ociosos-durante-a-pandemia/</a>	peças em situação de rua
Texto 13	<a href="https://www.estadao.com.br/cultura/divirta-se/solidariedade-digital-campanhas-de-doacoes-aumentam-durante-a-quarentena/">https://www.estadao.com.br/cultura/divirta-se/solidariedade-digital-campanhas-de-doacoes-aumentam-durante-a-quarentena/</a>	peças em situação de rua, usuário de drogas, crianças em situação de risco, travestis e prostitutas na cracolândia.
Texto 14	<a href="https://www.estadao.com.br/politica/gestao-politica-e-sociedade/saudosa-malocas-remocoes-durante-o-periodo-de-pandemia/">https://www.estadao.com.br/politica/gestao-politica-e-sociedade/saudosa-malocas-remocoes-durante-o-periodo-de-pandemia/</a>	população de rua
Texto 15	<a href="https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/covid-19-e-os-mais-vulneraveis-estamos-todos-no-mesmo-barco/">https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/covid-19-e-os-mais-vulneraveis-estamos-todos-no-mesmo-barco/</a>	população em situação de rua
Texto 16	<a href="https://www.estadao.com.br/saude/prefeitura-de-sao-paulo-adia-contratacao-de-hotéis-para-abrigar-idosos-em-situacao-de-rua/">https://www.estadao.com.br/saude/prefeitura-de-sao-paulo-adia-contratacao-de-hotéis-para-abrigar-idosos-em-situacao-de-rua/</a>	idosos em situação de rua
Texto 17	<a href="https://politica.estadao.com.br/blogs/gestao-politica-e-sociedade/precisamos-falar-sobre-o-papel-dos-municipios-no-enfrentamento-a-pandemia/">https://politica.estadao.com.br/blogs/gestao-politica-e-sociedade/precisamos-falar-sobre-o-papel-dos-municipios-no-enfrentamento-a-pandemia/</a>	população em situação de rua
<b>Texto 18</b>	<a href="https://www.estadao.com.br/brasil/inconsciente-coletivo/nabil-bonduki-na-pandemia-os-desiguais- ficam-ainda-mais-desiguais/">https://www.estadao.com.br/brasil/inconsciente-coletivo/nabil-bonduki-na-pandemia-os-desiguais- ficam-ainda-mais-desiguais/</a>	situação de rua
Texto 19	<a href="https://www.estadao.com.br/politica/gestao-politica-e-sociedade/quem-cuida-dos-cuidadores-a-assistencia-social-em-tempos-de-pandemia/">https://www.estadao.com.br/politica/gestao-politica-e-sociedade/quem-cuida-dos-cuidadores-a-assistencia-social-em-tempos-de-pandemia/</a>	população em situação de rua e peças em condições mais precárias de trabalho



Texto 20	<a href="https://www.estadao.com.br/politica/gestao-politica-e-sociedade/mais-uma-triste-faceta-da-pandemia-covid-19-a-exposicao-das-desigualdades/">https://www.estadao.com.br/politica/gestao-politica-e-sociedade/mais-uma-triste-faceta-da-pandemia-covid-19-a-exposicao-das-desigualdades/</a>	“mais vulnerável dessa população”, moradores de rua e excluídos digitais
Texto 21	<a href="https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/juiz-manda-governo-ibaneis-adotar-medidas-contracoronavirus-em-moradores-de-rua/">https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/juiz-manda-governo-ibaneis-adotar-medidas-contracoronavirus-em-moradores-de-rua/</a>	moradores de rua
Texto 22	<a href="https://www.estadao.com.br/brasil/conto-de-noticia/a-pandemia-sob-olhar-interdisciplinar/">https://www.estadao.com.br/brasil/conto-de-noticia/a-pandemia-sob-olhar-interdisciplinar/</a>	população de moradores de rua
Texto 23	<a href="https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/a-pandemia-e-o-reforco-das-nossas-desigualdades/">https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/a-pandemia-e-o-reforco-das-nossas-desigualdades/</a>	em situação de rua
Texto 24	<a href="https://brasil.estadao.com.br/blogs/vencer-limites/coronavirus-projeto-do-governo-federal-acolhidosos-pessoas-com-deficiencia-e-populacao-de-rua/">https://brasil.estadao.com.br/blogs/vencer-limites/coronavirus-projeto-do-governo-federal-acolhidosos-pessoas-com-deficiencia-e-populacao-de-rua/</a>	população de rua
Texto 25	<a href="https://www.estadao.com.br/politica/gestao-politica-e-sociedade/a-assistencia-social-e-a-pandemia-contribuicoes-de-uma-politica-relegada/">https://www.estadao.com.br/politica/gestao-politica-e-sociedade/a-assistencia-social-e-a-pandemia-contribuicoes-de-uma-politica-relegada/</a>	população em situação de rua
Texto 26	<a href="https://www.estadao.com.br/cultura/artes/artistas-plasticos-do-street-art-promovem-aco-es-em-favor-de-populacao-vulneravel/">https://www.estadao.com.br/cultura/artes/artistas-plasticos-do-street-art-promovem-aco-es-em-favor-de-populacao-vulneravel/</a>	população vulnerável
Texto 27	<a href="https://www.estadao.com.br/brasil/vencer-limites/coronavirus-sao-paulo-instala-centro-de-acolhida-emergencial-para-pessoas-com-deficiencia-e-idosos/">https://www.estadao.com.br/brasil/vencer-limites/coronavirus-sao-paulo-instala-centro-de-acolhida-emergencial-para-pessoas-com-deficiencia-e-idosos/</a>	população sem moradia

Texto 28	<a href="https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/coronavirus-e-a-cura-da-cegueira-social/">https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/coronavirus-e-a-cura-da-cegueira-social/</a>	população em situação de rua
Texto 29	<a href="https://cultura.estadao.com.br/blogs/direto-da-fonte/meu-sonho-e-alimentar-um-milhao-de-pessoas-por-mes/">https://cultura.estadao.com.br/blogs/direto-da-fonte/meu-sonho-e-alimentar-um-milhao-de-pessoas-por-mes/</a>	população em situação de vulnerabilidade
Texto 30	<a href="https://www.estadao.com.br/esportes/pinheiros-anuncia-a-doacao-de-uma-tonelada-de-alimentos-durante-pandemia/">https://www.estadao.com.br/esportes/pinheiros-anuncia-a-doacao-de-uma-tonelada-de-alimentos-durante-pandemia/</a>	moradores de rua, asilo e crianças de projeto social
Texto 31	<a href="https://www.estadao.com.br/emails/gente/maiara-e-maraisa-cozinham-para-familias-de-baixa-renda-e-moradores-de-rua-em-goiania/">https://www.estadao.com.br/emails/gente/maiara-e-maraisa-cozinham-para-familias-de-baixa-renda-e-moradores-de-rua-em-goiania/</a>	moradores de rua e população em situação de maior vulnerabilidade
Texto 32	<a href="https://www.estadao.com.br/saude/em-meio-a-cri-se-de-coronavirus-prefeitura-de-sp-instala-pias-na-cidade/">https://www.estadao.com.br/saude/em-meio-a-cri-se-de-coronavirus-prefeitura-de-sp-instala-pias-na-cidade/</a>	pessoas em situação de rua
Texto 33	<a href="https://www.estadao.com.br/saude/em-meio-a-cri-se-de-coronavirus-prefeitura-de-sp-instala-pias-na-cidade/">https://www.estadao.com.br/saude/em-meio-a-cri-se-de-coronavirus-prefeitura-de-sp-instala-pias-na-cidade/</a>	crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade e população em situação de rua
Texto 34	<a href="https://www.estadao.com.br/politica/gestao-politica-e-sociedade/o-covid-19-as-desigualdades-brasileiras-e-a-assistencia-social/">https://www.estadao.com.br/politica/gestao-politica-e-sociedade/o-covid-19-as-desigualdades-brasileiras-e-a-assistencia-social/</a>	grupos em extrema vulnerabilidade e população em situação de rua
<b>Texto 35</b>	<a href="https://www.estadao.com.br/saude/sozinhos-na-rua-a-tragedia-anunciada-pelo-coronavirus-nos-centros-urbanos-das-cidades/">https://www.estadao.com.br/saude/sozinhos-na-rua-a-tragedia-anunciada-pelo-coronavirus-nos-centros-urbanos-das-cidades/</a>	“aqueles que não tem casa”
Texto 36	<a href="https://www.estadao.com.br/saude/moradores-de-rua-dormem-aglomerados-em-albergues-durante-cri-se-do-coronavirus/">https://www.estadao.com.br/saude/moradores-de-rua-dormem-aglomerados-em-albergues-durante-cri-se-do-coronavirus/</a>	moradores de rua

Texto 37	<a href="https://www.estadao.com.br/sao-paulo/coronavirus-com-a-cidade-vazia-falta-de-bicos-derruba-renda-dos-moradores-de-rua-em-sp/">https://www.estadao.com.br/sao-paulo/coronavirus-com-a-cidade-vazia-falta-de-bicos-derruba-renda-dos-moradores-de-rua-em-sp/</a>	moradores de rua
----------	---	------------------

Ao utilizar as palavras-chave "População em situação de rua" e "covid-19" na caixa de busca do site do jornal Estadão, foram encontrados 268 registros. No entanto, após uma análise mais detalhada, constatou-se que apenas 37 dessas notícias são efetivamente sobre a população em situação de rua. Essa filtragem nos permite identificar e focar nas informações relevantes relacionadas a esse tema específico, garantindo uma análise mais precisa e direcionada. Mesmo utilizando outros adjetivos na caixa de busca, as notícias aparecem em grande maioria repetida nos resultados. Essa filtragem nos permite identificar e focar nas informações relevantes relacionadas a esse tema específico, garantindo uma análise mais precisa e direcionada, de como essa parcela da população foi representada nos textos noticiosos coletados.

### 5.3 CATEGORIZAÇÃO E FILTRAGEM DOS DADOS DO FOLHA D S`PAULO

Folha de Sp	Link	Substantivo/Adjetivo
texto 1	<a href="https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/07/guarda-municipal-do-rio-multa-morador-de-rua-por-nao-usar-mascara.shtml">https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/07/guarda-municipal-do-rio-multa-morador-de-rua-por-nao-usar-mascara.shtml</a>	morador de rua
texto 2	<a href="https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/07/motoboys-do-litoral-de-sp-doam-lanches-a-moradores-de-rua.shtml">https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/07/motoboys-do-litoral-de-sp-doam-lanches-a-moradores-de-rua.shtml</a>	morador de rua
texto 3	<a href="https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/07/frio-no-sul-aumenta-vulnerabilidade-de-moradores-de-rua-e-periferias.shtml">https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/07/frio-no-sul-aumenta-vulnerabilidade-de-moradores-de-rua-e-periferias.shtml</a>	moradores de rua e periferias
texto 4	<a href="https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/07/moradores-de-rua-">https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/07/moradores-de-rua-</a>	moradores de rua

	cobram-acoes-da-prefeitura-de-sp-contra-frio-e-covid-19.shtml	
texto 5	<a href="https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/07/declaracao-de-bia-doria-sobre-moradores-de-rua-atrapedidos-por-sua-saida-do-fundo-social-de-sp.shtml">https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/07/declaracao-de-bia-doria-sobre-moradores-de-rua-atrapedidos-por-sua-saida-do-fundo-social-de-sp.shtml</a>	moradores de rua
texto 6	<a href="https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/06/morador-de-rua-vive-a-pandemia-do-novo-coronavirus-de-perto-no-pacaembu.shtml">https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/06/morador-de-rua-vive-a-pandemia-do-novo-coronavirus-de-perto-no-pacaembu.shtml</a>	morador de rua
texto 7	<a href="https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/06/28-moradores-de-rua-ja-morreram-por-coronavirus-na-cidade-de-sp.shtml">https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/06/28-moradores-de-rua-ja-morreram-por-coronavirus-na-cidade-de-sp.shtml</a>	moradores de rua
texto 8	<a href="https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2020/05/lideres-religiosos-unem-esforcos-para-ajudar-populacao-de-rua-de-sp-diante-da-covid-19.shtml">https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2020/05/lideres-religiosos-unem-esforcos-para-ajudar-populacao-de-rua-de-sp-diante-da-covid-19.shtml</a>	população de rua
texto 9	<a href="https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/no-extremo-sul-de-sp-moradores-sem-auxilio-tem-de-recorrer-a-cesta-basica.shtml">https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/no-extremo-sul-de-sp-moradores-sem-auxilio-tem-de-recorrer-a-cesta-basica.shtml</a>	moradores sem auxílio
texto 10	<a href="https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/em-porto-alegre-jornal-de-moradores-de-rua-ganha-assinatura-digital-para-driblar-pandemia.shtml">https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/em-porto-alegre-jornal-de-moradores-de-rua-ganha-assinatura-digital-para-driblar-pandemia.shtml</a>	moradores de rua
texto 11	<a href="https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/com-manaus-a-beira-do-colapso-por-coronavirus-so-5-dos-moradores-de-ruas-estao-abrigados.shtml">https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/com-manaus-a-beira-do-colapso-por-coronavirus-so-5-dos-moradores-de-ruas-estao-abrigados.shtml</a>	moradores de rua
texto 12	<a href="https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/moradores-de-rua-enganam-estomago-com-agua-e-esperam-horas-no-sol-por-comida.shtml">https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/moradores-de-rua-enganam-estomago-com-agua-e-esperam-horas-no-sol-por-comida.shtml</a>	moradores de rua e população em situação de rua
texto 13	<a href="https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/as-pessoas-me-olham-">https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/as-pessoas-me-olham-</a>	morador de rua

	de-um-jeito-que-parece-que-sou-o-virus-diz-morador-de-rua.shtml	
texto 14	<a href="https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/03/nas-favelas-moradores-passam-fome-e-comecam-a-sair-as-ruas.shtml">https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/03/nas-favelas-moradores-passam-fome-e-comecam-a-sair-as-ruas.shtml</a>	“moradores passam fome e vão à rua”
texto 15	<a href="https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/coronavirus-diminui-voluntarios-e-doacoes-para-moradores-de-rua-de-los-angeles.shtml">https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/coronavirus-diminui-voluntarios-e-doacoes-para-moradores-de-rua-de-los-angeles.shtml</a>	moradores de rua
texto 16	<a href="https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/isolamento-pelo-coronavirus-reduz-distribuicao-de-comida-a-moradores-de-rua-no-rj.shtml">https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/isolamento-pelo-coronavirus-reduz-distribuicao-de-comida-a-moradores-de-rua-no-rj.shtml</a>	moradores de rua

Já no Folha d S`Paulo, ao realizar uma busca no site do jornal utilizando as palavras-chave "população em situação de rua" e "covid-19", foram encontrados 60 registros. No entanto, apenas 16 dessas notícias abordam diretamente a temática da população em situação de rua. Isso sugere que o assunto não é amplamente abordado ou priorizado nas notícias relacionadas à pandemia. É importante ressaltar a importância de ampliar a visibilidade e o debate sobre essa questão, considerando os desafios enfrentados por essa população vulnerável durante a crise sanitária. Em ambos jornais selecionados para realizar a coleta dos textos, quando utilizado as palavras-chaves no campo de busca não são todas as noticias que representam a população em situação de rua.

## 5.2 PANORAMA GERAL DA ANÁLISE

De acordo com a abordagem teórica de Van Leeuwen (1996), a representação da população em situação de rua nas notícias do Estadão e do Folha d`São Paulo, é marcada por uma série de aspectos que contribuem para a sua invisibilização e estigmatização. Um dos aspectos mais evidentes é o uso de figuras de linguagem que reforçam a visão negativa dessa população. Por exemplo, em algumas das notícias, os moradores de rua são reforçados como "uma população invisibilizada,

marginalizada e excluída". Essa descrição é definida teoricamente por uma série de adjetivos negativos que contribuem para a reprodução de uma imagem depreciativa dessa população. Por exemplo, quando são usados os termos "aqueles que estão sozinhos na rua" no **texto 35** do corpus, aparentemente esse termo reforça que, se estão sozinhos, é porque de alguma forma podem estar sendo abandonados pelos poderes públicos.

Além de que, é notável um vício linguístico em ambos os jornais quando se trata das palavras-chaves na caixa de busca. Mesmo buscando com substantivos e adjetivos diferentes como, por exemplo: população em situação de vulnerabilidade, catadores de material reciclável em situação de vulnerabilidade, LGBTQIAPN+ em situação de rua, crianças em situação de rua, desempregados em situação de vulnerabilidade, entre outros. O site redireciona para as mesmas notícias, mudando apenas algumas notícias de acordo com as palavras utilizadas.

Os discursos construídos nas notícias não configuram a reprodução da realidade social, mas a própria construção social da realidade, diz o autor, embora os jornalistas possam acreditar que os fatos que coletam e apresentam estejam isentos de tendências. (NOVODVORSKI, 2013, p.4)

Outro aspecto importante é o uso de linguagem abstrata, que dificulta a compreensão da realidade dos moradores de rua. Por exemplo no **texto 21** do Estadão, em outra notícia, a situação de vulnerabilidade dessa população é descrita como "um problema social que precisa ser enfrentado", o que reforça estigmas e estereótipos acerca dessa parcela da população. Pois, quando o termo é empregado ao texto noticioso, pode agregar um sentido de que, a população em situação de rua é um problema que precisa ser enfrentado e não sua situação de desigualdade social. Por menos inofensivo que esses deslizamentos discursivos aparentem ser, a representação social desses atores sociais no imaginário social, pode acentuar uma posição de desigualdade social desses indivíduos. Segundo Fairclough (2001), à construção de significados e discursos, influenciam a maneira como percebemos e interpretamos esses atores sociais. Essas representações são veiculadas através da linguagem e de outros sistemas simbólicos presentes na sociedade. Essas descrições

são muito genéricas e não fornecem informações concretas sobre as condições de vida dos moradores de rua. Além disso, a cobertura da imprensa sobre a população em situação de rua é marcada por uma ênfase nos aspectos negativos dessa condição. No **texto 7** das notícias do Estadão, é retratado que os desempregados são "empurrados" para as ruas, reforçando assim, que a população em situação de rua está constantemente sendo empurrada para algum lugar, pelos poderes públicos que negligenciam essa parcela população cotidianamente, e conseqüentemente, pelos discursos perpetuados pelos veículos de comunicação. Muitas notícias se concentram em casos de violência ou de morte de moradores de rua. Essa ênfase nos aspectos negativos contribui para a construção de uma imagem de medo e perigo associada aos moradores de rua. Ao analisar a cobertura da imprensa sobre a população em situação de rua, é possível identificar uma série de elementos que contribuem para a sua invisibilização e estigmatização. O uso de figuras de linguagem negativas, linguagem abstrata e ênfase nos aspectos negativos contribuem para a construção de uma imagem negativa dessa população, que dificulta a compreensão da sua realidade e o desenvolvimento de políticas públicas que promovam a sua inclusão social.

A imprensa desempenha um papel importante na representação dos atores sociais e, conseqüentemente, da construção da nossa visão sobre o mundo sobre a sociedade no todo e seus diversos segmentos. De acordo com a teoria de representação social de Van Leeuwen (1996), os grandes jornais são capazes de representar os atores sociais de diferentes maneiras, com base em uma série de fatores, incluindo o contexto social, as relações de poder e os interesses dos próprios veículos de comunicação. As notícias que consumimos servem de repertório das referências que nos ajudam a entender o mundo ao nosso redor e a formar nossas opiniões sobre as diferentes questões sociais. No caso da população em situação de rua, a imprensa tem um papel fundamental na construção da nossa percepção sobre essa parcela da população. As notícias que são publicadas sobre tal tema podem influenciar a forma como as pessoas enxergam os moradores de rua e podem levar a atitudes de discriminação e violência contra essa população, afinal

A linguagem, é o mais importante sistema de sinais da sociedade humana e se origina na situação face a face; mas se separa facilmente dela, por sua capacidade, também, de comunicar significados que não estão presentes na

situação face a face ou com os quais não se teve nem nunca terá uma experiência direta.24. (NOVODVORSKI, 2013, p. 6).

A partir, portanto, da abordagem teórica proposta por Van Leeuwen (1996), é possível identificar repetições linguísticas de representação que são frequentemente utilizadas para representar a população em situação de rua nas notícias do Estadão e Folha de S´ Paulo. É possível notar nos textos noticiosos uma linguagem de ameaça, tratando a população em situação de rua como uma ameaça para a sociedade. Essa linguagem é marcada pela ênfase nos aspectos negativos da população em situação de rua, como uma população altamente violenta. Essa representação contribui para a construção de uma imagem de medo e perigo associada aos moradores de rua. Linguagem que acentua a invisibilidade, e pela falta de informações concretas sobre as condições de vida dos moradores de rua. Essa representação contribui para a invisibilização dessa população, que é tratada como um problema abstrato. E por último, a ênfase nos casos de violência, morte e doença que atingem a população em situação de rua. Essa representação contribui para a construção de uma imagem de desespero e sofrimento associada aos moradores de rua. A utilização dessas linguagens como forma de representação contribui para a manutenção da invisibilidade e do estigma associado à população em situação de rua. É importante que a imprensa se comprometa a representar essa população de forma mais justa e inclusiva, de modo a contribuir para o seu reconhecimento e a sua defesa de direitos. No caso dos jornais selecionados para este trabalho, a distância social é frequentemente utilizada para reforçar as desigualdades sociais. Por exemplo, os atores sociais que pertencem às classes dominantes são geralmente representados de forma mais positiva e ativa, enquanto os atores sociais que pertencem às classes populares são geralmente representados de forma mais negativa e **passiva**. Um exemplo concreto presente na coleta do corpus é no **texto 4**, onde uma personalidade política trata como uma má comunicação um ataque à população em situação de rua. Essas situações criam e reforçam assim estereótipos e preconceito contra essa parcela da população. Segundo Carvalho (2015), o jornalismo é tipicamente uma reconstrução discursiva da realidade. É raro os jornalistas testemunharem eventos ou conhecerem a realidade de uma maneira que não envolva a mediação de outros. Os jornais em seus textos coletados até aqui, tendem a enfatizar os aspectos negativos dessa população, como a violência, a criminalidade e a insalubridade. Outra percepção analisando os textos do corpus, é o



uso da favela como uma justificativa para aqueles que passam a morar nas ruas, como está presente no **texto 14** do jornal Folha d S` Paulo. Essas representações discursivas acerca da favela, podem agregar um sentido de que apenas moradores da favela estão suscetíveis a se tornarem população em situação de rua. Essas representações contribuem para a construção de uma imagem de medo e perigo associada aos moradores de rua, o que dificulta a compreensão da sua realidade e o desenvolvimento de políticas públicas que promovam a sua inclusão social.

Van Leeuwen (1996), em seu quadro de representação nos contextualiza sobre as diferentes formas de representações dos atores sociais, e de que forma são atribuídos diferentes sentidos a esses atores sociais. O autor nos apresenta em sua teoria e em seu quadro de representação, alguns termos que utilizamos para tratarmos a análise. A distância social é um deles, o termo refere-se à proximidade ou afastamento entre o ator social e o público leitor. Os atores sociais que são considerados próximos do público leitor, como celebridades ou líderes políticos, são geralmente representados de forma mais pessoal e direta. Já os atores sociais que são considerados distantes do público leitor, como pessoas comuns ou grupos minoritários, são geralmente representados de forma mais impessoal e indireta. No quadro de representação de Van Leeuwen (1996), ele nos apresenta a categorização como forma de representação, esta é a forma como os atores sociais são agrupados em categorias. O autor acreditava que, os atores recebem nomes quando são identificados individualmente ou são colocados em categorias com base em sua função ou identidade compartilhada com outros. Essas escolhas linguísticas têm implicações ideológicas nos discursos. Os atores sociais que são considerados semelhantes são geralmente agrupados na mesma categoria, enquanto os atores sociais que são considerados diferentes são geralmente agrupados de formas distintas. As ações sociais, referem-se às ações que os atores sociais são representados realizando. As ações sociais podem ser classificadas como ativas, quando o ator social é representado como o agente da ação, ou passivas, quando o ator social é representado como o paciente da ação. Há também, as atribuições, que são às características que são atribuídas aos atores sociais. Essas características podem ser positivas, negativas ou neutras. E por último, a identificação refere-se à forma como os atores sociais são identificados nos textos noticiosos. A identidade pode ser expressa por meio de nomes, títulos, profissões ou outras informações,

essas expressões podem reforçar estereótipos, estigmas e marginalizar essa parcela da população.

Nos textos noticiosos coletados até aqui, nota-se uma representação discursiva da população em situação de rua, em que essa parcela da população se encontra representada nos textos. Portanto, de acordo com o quadro de representação de Van Leeuwen (1996), a população em situação de rua está incluída nas representações sociais. Porém, o modo como essas representações são praticadas e reiteradas no Estadão e no Folha de S. Paulo, colocam essa parcela da população em posição de **apassivação**. Segundo Van Leeuwen (1996), a **apassivação** pode ser usada para representar diferentes relações de poder entre os participantes de uma representação dos atores sociais. A população de rua é frequentemente representada como um grupo distante do público leitor dos veículos de comunicação, o que pode contribuir para essa representação mais **passiva**. A maneira como essa parcela da população é representada, muitas vezes, acaba fazendo com que sejam reforçados estereótipos e estigmas, colocando-a em posição de **sujeição**. De acordo com Van Leeuwen (1996) a **sujeição** coloca um ator social em uma posição de subordinação em relação a outro ator social.

Para Van Leeuwen (1996), as diferenças nas contextualizações dos eventos e na representação dos atores sociais, estão atreladas aos propósitos, valores e prioridades dos meios de comunicação. Os veículos de comunicação são influenciados pelos valores e ideologias de seus proprietários, editores e jornalistas. Esses valores e ideologias podem se manifestar nas representações sociais que os veículos produzem. As representações sociais que os jornais produzem em seus textos, são frequentemente adaptadas para agradar ou interessar a esse público-alvo. É importante destacar que, a representação negativa da população em situação de rua não é exclusividade do Estadão e do Folha d`S Paulo. Outros jornais e veículos de comunicação também reproduzem esses discursos e imagens. No entanto, os jornais selecionados para essa pesquisa são dois dos principais veículos de comunicação do país, e a sua representação da população em situação de rua tem um impacto significativo na forma como essa população é vista pela sociedade. Após uma análise minuciosa dos textos noticiosos coletados nos sites dos veículos ao longo do período determinado no corpus, chegamos à conclusão de que as notícias

que abordam a população em situação de rua, frequentemente adotam um discurso que os coloca em uma posição de passividade e submissão, conforme exposto no quadro de representação de Van Leeuwen (1996).

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise de textos noticiosos ao longo desta monografia nos conduz a uma profunda reflexão sobre a forma como é discursivamente produzida a representação social da população em situação de rua. Percorrendo essa trajetória, buscamos compreender os mecanismos e as estratégias utilizadas na construção desse discurso midiático nos jornais selecionados e integrantes do corpus. O caminho teórico-metodológico selecionado para esta pesquisa foi a Análise Crítica do Discurso, cujos autores principais que dão apoio a este estudo são: Fairclough e Theo Van Leeuwen. Para realizarmos a coleta dos textos noticiosos, usamos a teoria metodológica da Análise de Conteúdo, composta pela autora Bardin.

Durante a pesquisa realizada, nosso objetivo foi analisar de forma crítica a maneira como a população em situação de rua estava sendo representada nos principais jornais de São Paulo durante o período da pandemia de 2020, estritamente entre os meses de março a setembro. Através dessa análise, buscamos compreender de que maneira os textos noticiosos veiculados estavam representando socialmente a população em situação de rua. Além disso, nos propusemos a identificar se esses discursos reforçam possíveis estereótipos, preconceitos ou marginalizações presentes nas narrativas jornalísticas, contribuindo assim para uma reflexão mais ampla sobre a representação da população em situação de rua na mídia. Ao final da análise, nos apropriamos da teoria de representação social de Van Leeuwen (1996). A partir do percurso analítico traçado ao longo desta pesquisa, foi possível realizar uma leitura interpretativa que viabilizou reflexão sobre a representação social da população em situação de rua.

No decorrer da pesquisa, procedemos à coleta dos textos noticiosos que compõem o corpus de estudo. Esses textos foram meticulosamente categorizados em uma tabela, permitindo-nos filtrar as informações de acordo com as fontes jornalísticas. Ao analisar minuciosamente as notícias coletadas, constatamos que a

população em situação de rua é abordada nos textos noticiosos, embora de forma limitada em termos de representação quantitativa. Ao adotarmos a abordagem proposta pela rede de representação dos atores sociais elaborada por Van Leeuwen (1996), pudemos identificar que essa parcela da população é retratada de maneira passiva, o que coloca esses indivíduos em uma posição vulnerável diante dos efeitos discursivos exercidos pelos veículos de comunicação. É possível refletir que a forma como são tratados socialmente reproduz a ideia de que o Estado precisa ir até eles, pois eles não vão ao Estado. Portanto, os órgãos e ações do Estado devem ter uma postura ativa para alcançar essa população.

Dado que nossa pesquisa se concentra na análise da representação discursiva da população em situação de rua, é importante ressaltar que não conseguimos abordar todos os aspectos envolvidos nessa problemática. Por exemplo, não exploramos a maneira pela qual essa parcela da população pode ser impactada pelos efeitos discursivos, o que poderia ser tema de pesquisas futuras no âmbito das análises de recepção. A complexidade do tema abre espaço para a realização de diversos estudos complementares, explorando diferentes perspectivas e desdobramentos dessa questão, como por exemplo; uma análise de recepção dos textos noticiosos acerca da população em situação de rua, um estudo do consumo e interpretação dos textos noticiosos que retratam essa parcela da população.

Essa pesquisa se torna importante para o campo do jornalismo por diversos motivos. Em primeiro lugar, ao analisar a representação discursiva da população em situação de rua, contribui para uma reflexão crítica sobre o papel dos veículos de comunicação na construção e disseminação de estereótipos e preconceitos. Ao compreender como essa parcela da sociedade é retratada na mídia, é possível identificar possíveis vieses e distorções que podem perpetuar estigmas e marginalização. Além disso, a pesquisa também permite ampliar a visibilidade evidenciando suas histórias, desafios e necessidades, promovendo assim uma cobertura jornalística mais inclusiva e sensível. Por fim, ao investigar os efeitos discursivos nos públicos-alvo, a pesquisa oferece dados importantes para os profissionais de jornalismo no sentido de promover uma comunicação ética, responsável e socialmente engajada, contribuindo para uma imprensa mais plural e representativa.

# ANEXOS

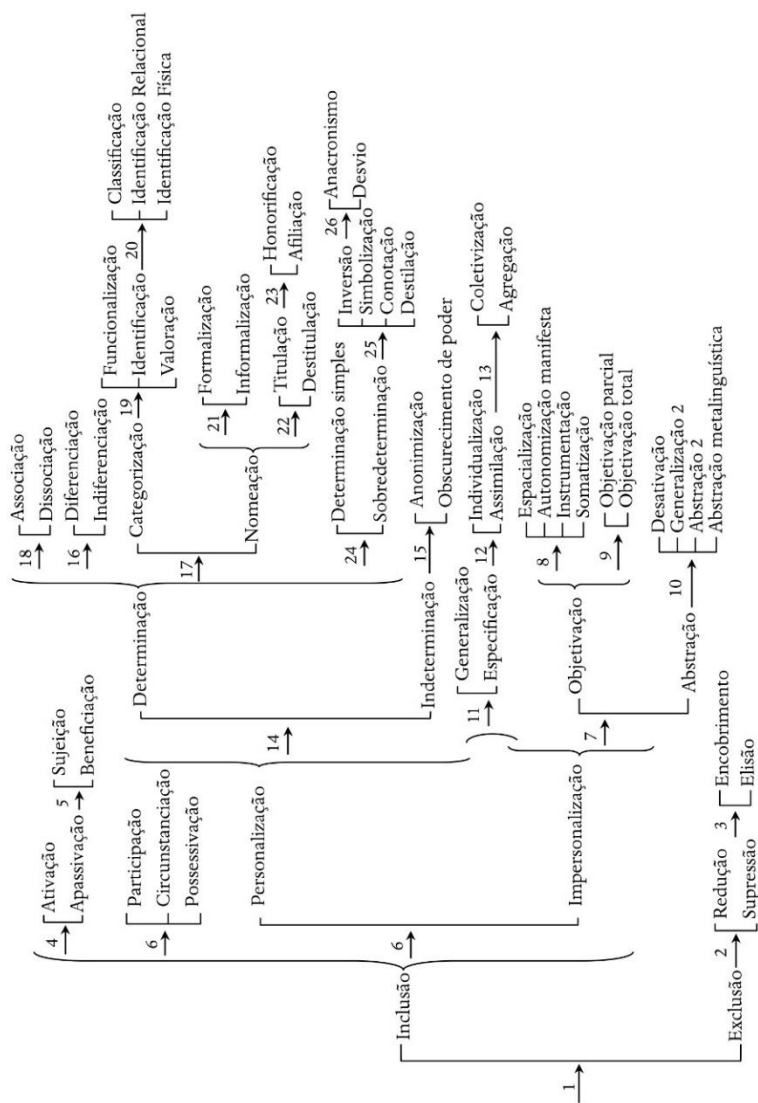


Figura 1.2: Rede de sistemas – A recontextualização de participantes  
Traduzido de Van Leeuwen, 1993b, p. 170

## REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, Marcos.** O PAPEL DA MÍDIA NA DIFUSÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS. *OPapel*, v. 6, n. 17, p. 15, 2001. Disponível em: <https://dialetricas.com/wp-content/uploads/2020/09/opapel-1.pdf>. Acesso em: 14. maio. 2023.
- AMADO, A.** . As metáforas do jornalismo: identidades implícitas para uma profissão mutante. *Lumina*, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 11–23, 2019. DOI: 10.34019/1981-4070.2019.v13.27737. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/27737>. Acesso em: 15. mai. 2023.
- AUGUSTUS, Rafael.** O Conceito de Representação Social nas Obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. *Porto Alegre*, n. 13, p. 6, jun. 2000. Disponível em: <https://doi.org/C:/Users/felip/Downloads/6719-Texto%20do%20artigo-20751-2-10-20081111.pdf>. Acesso em: 8. mai. 2023.
- BARROS, Duarte.** MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO. Disponível em: *Minha Biblioteca*, (2nd edição). Grupo GEN, 2006. Acesso em: 17. Jun. 2023.
- BENETTI, Marcia.** Jornalismo e imagem de si: O discurso institucional das revistas semanais. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 1, p. 13, 2010. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/d69c/b8ebaeb25b0b02fc3b51c2efb8a5943a3108.pdf>. Acesso em: 24. abr. 2023.
- CARMO, Cláudio.** Notas sobre o papel da identidade na análise crítica do discurso. [S. l.: s. n.], 2015. E-book (15 p.). Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Claudio-Carmo/publication/325794358\\_Notas\\_sobre\\_o\\_papel\\_da\\_identidade\\_na\\_analise\\_critica\\_do\\_discurso/links/5b243a310f7e9b0e374b0464/Notas-sobre-o-papel-da-identidade-na-analise-critica-do-discurso.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Claudio-Carmo/publication/325794358_Notas_sobre_o_papel_da_identidade_na_analise_critica_do_discurso/links/5b243a310f7e9b0e374b0464/Notas-sobre-o-papel-da-identidade-na-analise-critica-do-discurso.pdf). Acesso em: 10. Mai. 2023.
- CARVALHO, A.** Media(ted) discourse and society: rethinking the framework of Critical Discourse Analysis'. *Journalism Studies*, n.9, v. 2, p.161-177, 2008. Disponível em: [https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/41070/1/AC\\_2008\\_discurso\\_mediativo\\_acd.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/41070/1/AC_2008_discurso_mediativo_acd.pdf). Acesso em: 12.jun.2023
- FAIRCLOUGH, N., & Melo, I. F. de.** (2012). Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica. *Linha D'Água*, 25(2), 307-329. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v25i2p307-329>. Acesso em: 12. Jun. 2023
- FAIRCLOUGH, Norman.** A DIALÉTICA DO DISCURSO. [S. l.]: Teias, 2010. E-book (234 p.). Disponível em: <http://www.ling.lancs.ac.uk/profiles/263>. Acesso em: 18. jun. 2023.
- FERREIRA, F. V., & Pinheiro, M. A.** (2015). Representações sociais dos moradores de rua no jornal *Correio Braziliense*: exclusão, dessemelhança e violência. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, 9(3), 35–55. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/rica/article/view/17834>

**FREIRE, J. F.** (2009). Mídia, estereótipo e representação das minorias. *Revista Eco-Pós*, 7(2). Disponível em: <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v7i2.1120>. Acesso em: 27. abr. 2023

**IRINEU, Lucineudo Machado.** Abordagem discursiva das representações sociais: sistematização de um construto teórico-metodológico. *Mandinga – Revista de Estudos Linguísticos, Redenção (CE)*, v. 3, n. 1, p. 8-18, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/52812>. Acesso em: 10. Mai. 2023

**IRINEU, Lucineudo.** ABORDAGEM DISCURSIVA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: SISTEMATIZAÇÃO DE UM CONSTRUTO TEÓRICOMETODOLÓGICO. *Mandinga*, n. 1, p. 11, maio 2019. Disponível em:

[https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/52812/1/2019\\_art\\_Imirineu.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/52812/1/2019_art_Imirineu.pdf). Acesso em: 17. mai. 2023.

**Junior, A. E. V. P.** (2008). Jornalismo e Representações Sociais: algumas considerações. *Revista FAMECOS*, 13(30), 31–38. Disponível em:

<https://doi.org/10.15448/1980-3729.2006.30.3373>. Acesso em: 10. Mai. 2023

**MARTINEZ, Monica.** O Uso da Análise de Conteúdo em Jornalismo: pesquisas feitas com o método na Intercom de 1996 a 20121. *Intercom*, p. 9, 2014. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/267968317.pdf>. Acesso em: 7. jun. 2023.

**MENDES, Rosana.** A ANÁLISE DE CONTEÚDO COMO UMA METODOLOGIA.

*Caderno de Pesquisa*, v. 47, n. 165, p. 23, 2017. Disponível em:

<http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/v47n165/1980-5314-cp-47-165-01044.pdf>. Acesso em: 7. jun. 2023.

**NOVODVORSKI, A.** Representação de atores sociais. In: Célia M. Magalhães. (Org.). *Representação social em corpus de tradução e mídia*. 1ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013, v. 1, p. 13-48.

**PAIVA, C. G. (2011). FAIRCLOUGH, N.** *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. Londres: Routledge, 2003. *Discursos Contemporâneos Em Estudo*, 1(1), 233–240. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/discursos.v1i1.0/8281>.

Acesso em: 7. Jun. 2023.

**PAULA, Francislene.** Jornalismo Popular e Representações Sociais:

sensacionalismo, espetacularização e estereotipagem. *Intercom*, p. 15, 2011.

Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0749-1.pdf>.

Acesso em: 15. mai. 2023.

**RAMALHO, Viviane.** IDEOLOGIA E REPRESENTAÇÃO DE ATORES SOCIAIS: A INVASÃO AO IRAQUE. Editora UFPE, v. 1, p. 14, 2003. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/viewFile/1488/1161>. Acesso em: 10. mai. 2023.

**RESENDE, V. de M., & Santos, A. A. dos.** (2020). A representação de pessoas em situação de rua quando vítimas de chacina: uma análise discursiva crítica. *Revista Latinoamericana De Estudios Del Discurso*, 12(2), 81–102. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/raled/article/view/33464>. Acesso em: 16. abr. 2023

**RESENDE, Viviane.** Representação discursiva de pessoas em situação de rua no "Caderno Brasília": naturalização e expurgo do outro. *SciELO*, v. 12, n. 2, 2012.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1518-76322012000200004>. Acesso em: 17. abr. 2023.

**RODRIGUEZ, Andrea.** POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19. Editora Puc, v. 1, p. 63, 2020. Disponível em: [http://www.editora.pucrio.br/media/Popula%C3%A7%C3%A3o%20em%20situa%C3%A7%C3%A3o%20de%20rua\\_book.pdf](http://www.editora.pucrio.br/media/Popula%C3%A7%C3%A3o%20em%20situa%C3%A7%C3%A3o%20de%20rua_book.pdf). Acesso em: 16. abr. 2023.

**SILVA, Tatiana.** POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM LEVANTAMENTO DE MEDIDAS MUNICIPAIS EMERGENCIAIS. Ipea, v. 74, p. 26, 2020. Disponível em: [https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10078/1/NT\\_74\\_Diest\\_Disoc\\_Populacao%20em%20Situacao%20de%20Rua%20em%20Tempos%20de%20Pandemia.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10078/1/NT_74_Diest_Disoc_Populacao%20em%20Situacao%20de%20Rua%20em%20Tempos%20de%20Pandemia.pdf). Acesso em: 17. abr. 2023.

**SOUZA, Sâmara Figueiredo de.** ANÁLISE DE CONTEÚDO: MÉTODO DE BARDIN. In: ANAIS DO ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E EXTENSÃO DA ESTÁCIO AMAZÔNIA, 2022, Centro Universitário Estácio da Amazônia. Anais do Encontro de Iniciação Científica e Extensão da Estácio Amazônia. Recife, Brasil: Even3, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/1134960.14-5>. Acesso em: 30 jun. 2023.

**SOUZA, Carla.** NÓS E ELES: A REPRESENTAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS EM UM TEXTO MULTIMODAL. **Linguagem: teoria, análise e aplicações**, v. 6, p. 4, 2011.

**VALENCIO, Felicidade Lopes da Silva Norma.** Sociologia dos desastres: Construção, interfaces e perspectivas no Brasil. São Carlos, SP: RiMa, 2009. ISBN 9788576561620. Disponível em: [https://d1wgtxts1xzle7.cloudfront.net/32781349/SociologiaDesastres\\_VoIII\\_NEPED\\_CFP-libre.pdf](https://d1wgtxts1xzle7.cloudfront.net/32781349/SociologiaDesastres_VoIII_NEPED_CFP-libre.pdf). Acesso em: 16. Abr. 2023

**VALENCIO, Norma.** Desastres: tecnicismo e sofrimento social. Scielo, p. 14, 2014. Disponível em: [https://www.scielosp.org/article/ssm/content/raw/?resource\\_ssm\\_path=/media/assets/csc/v19n9/1413-8123-csc-19-09-3631.pdf](https://www.scielosp.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csc/v19n9/1413-8123-csc-19-09-3631.pdf). Acesso em: 23. abr. 2023.

**VORRABER, Marisa.** Estudos Culturais em Educação. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004. E-book (39 p.). Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/246946/000475719.pdf?sequence=1>. Acesso em: 17. mai. 2023.

**WODAK, Ruth.** DO QUE TRATA A ACD – UM RESUMO DE SUA HISTÓRIA, CONCEITOS IMPORTANTES E SEUS DESENVOLVIMENTOS. **Linguagem em Discurso**, v. 4, p. 25, 2010. Disponível em: [https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/297](https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/297). Acesso em: 14 jun. 2023.